

Assinaturas

Ano — — — Cr.\$ 20,00
Semestre — Cr.\$ 12,00
Pagamento Adiantado

O ECO

Anúncios e Publicações
de acordo com a
TABELA
REDAÇÃO
RUA 15 DE NOVEMBRO N. 373
CAIXA POSTAL N. 30

REDATOR-CHEFE: ORLANDO PAULETTI

DIRETOR: ALEXANDRE CHITTO

(ORGÃO INDEPENDENTE)

ANO IX

S. PAULO

Ubirama, 7 de ABRIL de 1946

BRASIL

NÚMERO 416

COUSAS DA POLITICA

ALEXANDRE CHITTO

Os jornais da semana noticiaram que a grande Comissão da Constituição já aprovou oito artigos da futura Carta da Republica, textos pertencentes todos ao título I da Organização Federal.

E no artigo 4.º, lê-se: "A temporariedade das funções eletivas, que se não poderão estender por períodos maiores que as funções federais correspondentes, proibida a reeleição de governadores e prefeitos para o período imediato".

E mais adiante, paragrafo IV: "Autonomia dos municípios".

Quanto ao ponto, na Carta Magna, que inibe a reeleição de governadores e prefeitos, no período subsequente, já não é um direito absoluto que um povo gosa dentro dos princípios verdadeiramente democráticos.

Quando Roosevelt foi reeleito pela ultima vez, manifestaram-se opiniões dizendo que dada á sua longa permanencia no poder, o primeiro homem norte-americano já era um ditador e não um democrata.

Entretanto, se assim não o fosse, o déspota intransigente teria sido a Carta dos Estados Unidos. Ditador, ao envez, foi o povo norte-americano que ditou livremente o seu pensamento, mantendo Roosevelt.

Podemos estar enganados, mas não é justo que um povo não possa elevar ao poder um governador ou um prefeito quantas vezes consecutivas bem queira. Assim não impera o livre pensamento. E por outro lado, a reeleição em períodos alternados incorre numa grande perda de tempo, pois, nesse caso, a opinião publica dominante, terá que sufragar nomes de homens de menor competencia para garantir a sua politica.

Poderemos estar enganados, porem assim já não é dar a Cesar o que é de Cesar.

E quanto ao paragrafo IV, autonomia dos municípios, deve ser feita no sentido de garantir-lhes, ao menos, 50% da sua arrecadação. E não o Estado e a Federação tornarem-se verdadeiros sanguessugas das pobres municipalidades, como se está dando atualmente, que delas só restam os esqueletos.

Foi lavrada a escritura de compromisso do terreno onde será instalada a Usina de Açúcar.

O sr. Luiz Azevedo, gerente da Distilaria Central de Ubirama, participou-nos que, no dia dois do corrente, foi lavrada a escritura de compromisso do terreno onde será instalada a Usina de Açúcar, adquirido pelo I.A.A. e vendido pelos drs. Gabriel e Elias Rocha.

Essa noticia, para os ubirameses tem um grande significado e, principalmente, para a classe canavieira, que no futuro, a Usina será depositária de todo o seu desenvolvimento economico.

O que seria dos vastos canaviais do municipio, e aliás em sua maior parte plantados este ano, sem as possibilidades do escoamento do seu produto. Porem, em boa hora, o Instituto do Açúcar e do Alcool, estando na presidencia do dr. Barbosa Lima Sobrinho, tomou a deliberação de instalar uma modernissima Usina de Açúcar em Ubirama, com a capacidade de 80.000 sacas.

O que seria dos vastos ca-

naviais ubiramenses, repetimos, cultivados justamente na expectativa da instalação da projetada industria açucareira, caso ela não viesse?

E por esse justo motivo e outros, o povo de Ubirama congratula-se com a noticia, penhorando ao mesmo tempo os seus agradecimento ao dr. Barbosa Lima Sobrinho pelo esforço envidado no sentido de ser realizado esse grandioso empreendimento, no qual estará assentado, no futuro, o desenvolvimento agrícola do municipio de Ubirama.

Esperanças que morrem...

Nota-se que Ubirama ultimamente está sendo um foco de cães vadios, demonstrando assim o que é falta de energias dos poderes competentes, pois, temos assistido cenas bastante improprias e

pouco recomendaveis ás crianças de menor idade.

Ao meu ver, Ubirama não é uma cidade que mereça tão pouca atenção de seus dirigentes, pois, ela é uma cidade que guarda ainda em seu seio as bravuras e glorias de seus filhos bandeirantes.

Portanto, apelámos, ao srs dirigentes que voltem sua atenção a esse torrão bandeirante, afim de fazer jús suas belezas e tradições, evitando assim que Ubirama caminhe por estradas ingremes como até aqui tem caminhado.

Embebecidos nessa esperança, é que aguardavamos a construção da ponte que liga á cidade com o bairro da Estação Sorocabana e nessas cogitações e promessas é que viviamos até os dias presentes num mundo de ilusão.

De principio tudo é promissor, as promessas se sucediam como fossem áquelas lindas historias contadas as criancinhas sobre o Pais das Maravilhas.

Mas, na realidade, não tivemos até os dias presentes, pessoa alguma que tivesse demonstrado interesse pela prosperidade da nossa cidade, pois, uns vão e outros vem,

mas, nenhum deles procurou deixar seu nome embutido no coração deste povo bom, por um simples melhoramento executado.

Assim, podemos dizer, sem medo de errar, que, no mundo não existem mais aqueles homens, que alem da coragem e bravura, sabiam, se destacar perante seus comandados, como fez o grande DUQUE DE CAXIAS, que renunciou á uma missa de tédeun para orar em sufrágio ás almas de seus comandos, que tombaram nos campos de batalha.

Déssa forma as promessas continuam e as esperanças morrem, tudo neste mundo muda e passa e as promessas são meras desculpas, porque tivemos tantas delas que hoje são apenas uma lembrança.

Onde está a construção da picina? onde está a construção do Jardim da Infancia e Escola Domestica? onde está o prosseguimento das obras da Igreja Matriz? pinturas de predios?, etc. etc. etc, infelizmente, numa esperança que a muito tempo morreu...

Acre

Olimpio Freire Pires e Luiz Sermarini

Foram integrados no quadro de Funcionários do I.A.A., os senhores Olimpio Freire Pires e Luiz Sermarini. Essa noticia, causou profunda satisfação em nossos meios e um grupo de pessoas desejosas, em dar maior brilho á esse acontecimento, ofereceram de úa maneira mui gentil, um esplendido jantar, que se realizou no dia 4 do corrente, as 7 horas da noite no Hotel Central.

Usou da palavra, primeiramente, o Sr. Dr. Jayme de Barros Campelo, que saudou os homenageados.

Agradecidos, falaram em seguida os Srs. Olimpio Freire Pires e Luiz Sermarini.

Belas e breves palavras, foram também pronunciadas pelos Srs. Alberto Garzesi, Luiz Azevedo e Virgilio Capoani,

que traduziram dest'arte, a satisfação e o desejo, de uma progressiva felicidade aos recém nomeados.

Estiveram também, presentes nesse suntuoso jantar, os seguintes senhores: José Salustiano de Oliveira, MD. Prefeito Municipal; Lidio Bosi, Coletor Federal; Bruno Brega, Coletor Estadual, Pilade Momo, Mario Trenti, Atilio Ciccone, José Ciccone, Evaristo Canova, José Oliva, Alexandre Chitto, Felicio Bianchini, Orlando Pauletti, e Laurentino Leite, residente na cidade de Lins.

E o Eco deixa aqui estampado, os melhores votos de uma constante felicidade aos Srs. Olimpio Freire Pires e Luiz Sermarini.

Anunciem neste jornal

FUTEBOL

O C. A. Lençoense jogou em Lins contra o C. A. Linense, domingo ultimo. — A delegação Lençoense recebeu carinhoso acolhimento dos esportistas e povo Linense.

Como vinha-mos noticiando, o C. A. Lençoense disputou uma partida amistosa, domingo ultimo, em Lins, contra o C. A. Linense, vencendo este ultimo pela contagem de um tento a zero.

Todavia quem presenciou ao cotejo, imparcialmente, dirá que um empate haveria sido mais justo na distribuição dos louros da vitoria. Porque, os lençoenses tiveram uma penalidade maxima perdida, Nuccio, ao cobrala, atirou nas mãos do guardião linense.

Fazendo o mesmo o atacante Pedrinho, quando livre, a três metros da meta, atirou forte nos braços do goleiro adversario.

E por sua vez, os linenses obtiveram o seu unico ponto três minutos depois de exgotado o tempo regulamentar da segunda fase, segundos antes portanto, para findar a partida.

Prorrogação que o arbitro concedeu, não havendo necessidade, porquanto não se deram interrupções da partida que justificassem aumento de tempo. Houve substituições nos quadros, sim, mas foram executadas rapidamente.

Todavia, perdemos e aceitamos a derrota pela contagem de um tento a zero, numa partida

Magnifico acolhimento teve a delegação Lençoense em Lins.

A delegação lençoense teve brilhante e cavalheiresco acolhimento por parte da Diretoria, do C. A. Linense, jogadores e torcedores, trazendo, daquela prospera cidade da Noroeste melhor das impressões.

E por esse justo moti-

disputadissima, demonstrando as duas equipes estarem em magnificas condições físicas. Ambos os quadros tiveram ótima atuação, não havendo elemento a destacar. Somente que o conjunto linense aplicou jogo um tanto «pesado», saindo machucados diversos dos nossos jogadores: Belfare, Abilio e Hilmo.

Foi arbitro do cotejo o sr. Herminio Campolongo da Federação Metropolitana de Futebol, cuja atuação deve ser criticada unicamente nos ultimos minutos da peleja, por have-la prorrogado por tres minutos, espaço de tempo justamente que favoreceu os Linenses a consignarem o seu tento. E por haver permitido jogadas pesadas por parte dos componentes da turma de Parafuso.

Os quadros jogaram com a seguinte organização, Ubirama: Orberdan, Imperato e Limão; Belfare, que saiu depois de quinze minutos de jogo da primeira fase, sendo substituido por Batistela e depois Abilio, no segundo periodo, Hilmo e Nuncio; David, Bizzorro, Mano, Pedrinho e Titi.

Linense: Moreira, Moca e Mosquito; Mario Ditiño e Lazico; Amaral, Pilates, Plinio, Parafuso e Humberto.

vo, o C. A. Lençoense, por nosso intermedio, agradece os bons espiritos esportistas de Lins, esperando, um dia, poder retribuir-lhes o mesmo acolhimento aqui nesta velha mas hospitaleira Ubirama.

Esta tarde o C. A. Lençoense jogará em Bauru frente ao Luzitana daquela cidade.

E' grande a expectativa em torno do jogo desta tarde, em Bauru, entre o Luzitana e o C. A. Lençoense, dando inicio ao torneio de futebol da 5.a região 1.a zona.

Compromisso assás difficil para os nossos rapazes o jogo de hoje, como já tivemos ocasião de mencionar.

Pois o quadro de Gino atualmente é possuidor de um cartaz que lhe atorga o titulo do «melhor da Zona».

E de fato, a equipe lusos pode perfeitamente gozar desse titulo, sem merecer a menor contestação. E hoje, portanto, os lusos pisarão o gramado de sua «cancha» favoritos ao triunfo. Mas nem por isso, os lençoenses ficarão acanhados frente ao seu valoroso adversario. Antes, empenhar-se-ão a fundo para que o resultado final não seja assim difinido... sem

que a torcida que, indubitavelmente, aglomerar-se-á ao redor da arena da pugna tenha a impressão de que o Luzitana possa ser derrotado tambem naquele jogo.

A partida será jogada e o Luzitana, esta tarde, perder em seu proprio campo será difficil, não impossivel.

Portanto, a torcida de Ubirama deve reunir a maior caravana possivel, indo a Capital da Terra Branca, e lá aplaudir os nossos «fans» da pelota, que hoje saberão fazer jus ás suas credenciais de jogadores.

Até o momento de dar entrada esta nota, a equipe local ainda não havia sido escalada. E segundo se informa, a sua organização será feita á ultima hora.

Assinem Leiam e Propaguem «O E'CO»

Banco Nacional da Cidade de S. Paulo, S.A.

FUNDADO EM 1924

Capital Cr. \$ 12.300.000,00
Fundos de Reserva . Cr. \$ 17.505.595,40

SÉDE CENTRAL: São Paulo -
Rua São Bento, 341

FILIAIS:

Curitiba, Rio de Janeiro e Santos.

AGENCIAS: Barra Mansa (Estado do Rio) — Araguaçu - Botucatu (Estado de S. Paulo) — Cambará (Estado do Paraná) — Campinas-Cruzeiro — Jaboticabal — Jacaréi — Jaú-Lorena — Mogí das Cruzes — Mogí Mirim-Pinhal — Piracicaba — Presidente Prudente — Santa Cruz do Rio Pardo — Santo André — Sertãozinho — Taubaté - Ubirama — (todas no Estado de São Paulo) e Agências Urbanas Central, Norte (Brás) e Oeste (Luz).

Taxas para Contas de Depósitos

C/C. Movimento Juros 3% aa
C/C. Limitadas Juros 5% aa.
Depósitos a Prazo Fixo e com Aviso Prévio — taxas especiais a combinar.

TODAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS

Agência em **UBIRAMA:** Rua 15 de Novembro, 779

Bar e Restaurante «PAULISTA»

- DE -

Vitorio Coneglian

Bebidas nacionais e estrangeiras, doces, petisqueira á toda hora.

Rua 15 de Novembro, 813

Fone, 60

UBIRAMA

Alfaiataria Cicconi

(Confecções a Capricho)

Giovanino Cicconi

Mantem sempre em estoque linhos nacionais e estrangeiros, casimiras de alta qualidade.

Rua 15 de Novembro, 583 - Est. S. Paulo

UBIRAMA

Está iminente a promulgação do decreto sobre os lucros extraordinarios.

Ainda que para a promulgação definitiva do decreto sobre lucros extraordinarios, a Comissão Central de Preços tenha que se reunir novamente, conhece-se que será permitido o seguinte lucro isento de imposto:

a) — de 35 % para o capital até 1 milhão de cruzeiros;

b) — de 25% para o capital de 1 a 3 milhões de cruzeiros;

d) — de 20% para o capital superior a 5 milhões de cruzeiros;

O contribuinte, entretanto, poderá, ao invés do imposto sobre o capital social, optar pelo pagamento do imposto sobre «o movimento geral de negocios durante o ano», que obedecerá a seguinte tabela:

a) — de 6% sobre o movimento até 3 milhões de cruzeiros;

b) — de 5% sobre o movimento de 3 ate 5 milhões de cruzeiros;

c) — de 4% sobre o movimento superior a 5 milhões de cruzeiros.

SABADO DE ALELUIA

Grande Baile no CINE GUARANI

Como ja noticiamos, um grupo de jovens e senhores da nossa sociedade, reunidos em Comissão, estão ultimando preparativos para um grandioso baile, a realizar-se no Cine Guarani, no sabado de Aleluia.

Para a realização dessa festa dançante está reinando grande entusiasmo nos meios sociais em Ubirama.

ALGAZARRA NO CINE GUARANI

Depois de um periodo de «calma», a algazarra voltou a se manifestar no Cine Guarani, perturbando, ou melhor, relaxando, o que nós chamamos de educação de um publico.

Neste caso, chamamos a atenção da empresa para que fatos como se verificou terça feira ultima não se venham a se repetir diariamente, pois só assim, será impossível ás familias frequentarem o Cine Guarani.

Cães Vadios

Ainda que a Prefeitura já tenha publicado sérias medidas a serem tomadas contra cães vadios, que andam perambulando pelas ruas da cidade, mesmo assim, a existencia desses animais soltos continua sendo como antes.

Neste caso, convem que a Prefeitura emane medidas urgentes para a eliminação total, da cidade, dos cochorros vagabundos, inuteis e nojentos.

A SÍFILIS

É UMA DOENÇA GRAVÍSSIMA MUITO PERIGOSA PARA A FAMÍLIA E PARA A RAÇA. COMO UM BOM AUXILIAR NO TRATAMENTO DESSE GRANDE FLAGELO USE

ELIXIR DE NOGUEIRA

A SÍFILIS SE APRESENTA SOB INÚMERAS FORMAS, TAIS COMO:

REUMATISMO
ESCROFULAS
ESPINHAS
FÍSTULAS
ÚLCERAS
ECZEMAS
PERIBAS
BARTROS
MANCHAS

"ELIXIR DE NOGUEIRA"

CONHECIDO HÁ 65 ANOS - VENDE-SE EM TODA PARTE.

«Medicação auxiliar no tratamento da sífilis».

Chevrolet apresenta o primeiro modelo 1946

A CHEVROLET Motor Division da General Motors, em Detroit, está produzindo seus primeiros modelos da linha de 1946. São três as linhas apresentadas, incluindo o Stylemaster, que oferece, na classe de preço mais acessível, vários aperfeiçoamentos notáveis; o Fleetmaster, ainda mais avançado em acabamentos e pormenores e Fleetline, que os engenheiros declaram ser o Chevrolet, mais atraente que até hoje foi apresentado ao publico.

Em todos os modelos regulares haverá uma escolha de seis tipos de cores sendo três uniformes e três de combinação bi-color.

O primeiro modelo a sair das linhas de montagem será o sedan de quatro portas da serie Stylemaster, que será seguido pelo Fleetmaster e pelo Fleetline,

Outros modelos da série de preço módico possivelmente serão o sedan de duas portas e o cupê comercial. As duas series de tipo de preço mais elevado serão também fabricadas com diferentes tipos de carroceria.

Todos os modelos são dotados de um motor de seis cilindros de modelo muito aperfeiçoado, com válvulas na tampa, lubrificadas por um sistema especial e pistões de ferro fundido de pouco peso. O motor é de 88,9, x 95,x2 calculado em 90 c.d.f. a 3.300 r.p.m. em uma proporção de compressão de 6,5 x 1. A cilindrada é de 3,5 litros.

A lubrificação ás peças móveis é feita por quatro métodos diferentes, proporcionando uma lubrificação adequada mesmo quando o motor ainda está frio. Todos os modelos são equipados com a mudança de velocidades acionada a vácuo, que há alguns anos vem sendo característica do Chevrolet.

A distancia entre eixos de todos os modelos de carros de passageiros é de 2,95 metros.

Cuidou-se muito especialmente do arrefecimento do motor e estes automoveis têm um nucleo de radiador quadrado que permite ser eficientemente coberto pelo ventilador. A bomba de água é dotada de mancais de esferas com lubrificação permanente do tipo de auto-regulação. As camisas de agua são de comprimento total e os assentos das válvulas de escapamento são arrefecida por jato.

O carburador é de um tipo de regulação simples, invertido, usando-se, além disso no sistema um filtro de ar, um silenciador e um detentor de chama. A mistura combustível é submetida a um aquecimento prévio em uma camara de tubo multiplo, controlada termostaticamente.

Os freios são hidraulicos, de tambores de 27,9 cm. a superficie de freiagem de liga de ferro fundido. As sapatas são de auto-regulação. Para mais rapido arrefecimento os tambores são dotados de nervuras de difusão do calor.

A Chevrolet continua usando vigas de secção quadrada nos chassis para proporcionar rigidez, a qual foi aumentada nos modelos conversíveis, por meio de reforços constituídos de barra de secção em l.

Todos os modelos tem suspensão independente de molas em espiral aberta nas rodas deanteiras. Essa suspensão é equipada com um estabilizador.

Os eixos traseiros são do tipo semi-flutuante, com uma proporção final de 4,11 x 1 para a engrenagem hipoide. Seis mancais de esferas e roletes contribuem para um funcionamento silencioso e para uma longa duração.

Muita borracha foi empregada em vários pontos do carro para evitar vibrações e ruidos.

A simplicidade é a característica mais dotavel da aparência externa. A grade do radiador e os para choques com grande área de proteção sobressaem a primeira vista. Para dar uma aparência mais bela e mesmo para proporcionar melhor iluminação da estrada os farois dianteiros são colocados bem espaçados entre si, embutidos que são nos paralamas.

Na parte interna, os paineis de instrumentos e as molduras das janelas são pintados em dois tons, o que lhes dá uma aparência mais agradável e atraente.

Os paralamas dianteiros estendem-se bastante sobre os paineis das portas da frente, mas tem uma secção independente facilmente desmontavel, de modo que em caso de necessidade de regulação das portas torna-se fácil retirar essa parte dos paralamas.

A fábrica Chevrolet, ao lançar os seus novos modelos declarou que o faz baseando os seus veiculos nas qualidades seguintes: perfeição de acabamento mecânico, funcionamento impecável, economia e segurança.

Concessionarios nesta praça:

Zillo, Capoani & Cia. Ltda.

SEMANA SANTA EM UBIRAMA

Está em pleno preparativo o programa das comemorações da Semana

na Santa, nesta cidade. Este ano, segundo está previsto, suplantarão todas as comemorações anteriores.

COUSAS DO FOLCLORE BRASILEIRO.

Todos os povos têm seus costumes, suas crenças, e seus folclores.

No folclore brasileiro, por exemplo, encontramos certas adivinhações atribuídas a cousas, em versos populares.

Ao chinelo:

“Já fui carne,
Já fui osso
Estou esperando
Por carne e osso”

Ao ovo:

“Casa caída,
Bonita amarela,
Telhado de vidro
Ninguém entre nela”

Ao Alho:

“Tem balba e não tem rosto
Tem dente sem, ser de osso,
Tem um palmo de pescoço”

Ao cará:

“Dois irmãos no nome,
Desiguais no parecer,
Um se cria no mato,
Outro n'agua quer viver”

Ao coco:

“Branco por dentro,
Vermelho por fóra,
Uma casinha trancada,
Onde a agua mora”

Estas adivinhações, em versos populares, formam o que ha de mais sublime e poético no folclore brasileiro, que na vida do sertão elas são os sonhos simples mas inteligentes da nossa gente.

LISSER

Aniversários

Fazem anos:

Hoje, O menino José Angelo, filho do sr. Angelo Simioni e d. Alzira Boso Simioni.

Dia 8, o sr. Aldo Coneglian, a sta. Otilia Ferrari, a menina Celina Ciccone, a sra. Maria Aparecida Breda Orsi e o jovem Hermínio Jacom.

Dia 9, a sta. Juraci Giacomini, a menina Dina Rosa Biral e o sr. Angelo Paccola Primo.

Dia 10, o sr. Luiz Baptistela, o sr. Alberto Paccola, a menina Luízinha Paccola, o menino Vicente Ribeiro, o menino Lourival Fayad, filho do sr. Benjamim Fayad, o sr. Isidoro Gasparini, o menino Laercio, filho do sr. Luiz Paccola Sobrinho; dona Dolores M. Moretto, sta Alzira Cobianchi, filha do sr. Leonello Cobianchi, residente em Palmital.

Dia 11, o sr. Ricieri Coneglian, a sra. Maria Carmem Tocci Pontual, esposa do sr. Nelson Lima Pontual, residente em Pernambuco.

Dia 12, o menino Roberto Canova, filho do sr.

Diretor: Alexandre Chitto

ANO IX

Ubirama, 7 de ABRIL de 1946

Redator-Chefe: Orlando Pauletti

NÚMERO 416

Alcebiades Canova, o menino Armando Baccili, filho do sr. André Baccili, e a jovem Diva Timachi, residente em Piratininga.

Dia 13 o sr. Hermenegildo Baccili, e o menino Carlos Benedetti, filho do sr. Jorge Benedetti e d. Emilia M. Benedetti.

Casamento

Às 9 1/2 do dia 21 do corrente, na Igreja Matriz da cidade de Garça, realizar-se-á o enlace matrimonial da jovem Maria Lidia, filha do sr. Otavio Cesar de Camargo, com o sr. Antonio Lorenzetto, filho do sr. Antonio Lorenzetto e da Maria Amelia Lorenzetto.

Noivado

Estão noivos o jovem Duilio Capoani, filho do sr. João Capoani e a senhorinha Helena da Silva Coelho, sobrinha do sr. Paulo da Silva Coelho, residentes nesta cidade.

Falecimento

No dia 31 do mês p.p., na cidade de Agudos, onde residia ha muitos anos, com a idade de 59 anos, faleceu o sr. Primo Capelo, deixando viuva dona Maria Gonçalves Capelo, e orfãos seis filhos.

O extinto era irmão do sr. Francisco Capelo residente nesta cidade.

O sepultamento dos restos mortais do sr. Primo Capelo deu-se no dia 1 do corrente, no cemiterio de Agudos.

O ECO

Dr. Antonio Tedesco

MÉDICO

CLINICA GERAL — OPERAÇÕES — PARTOS

Floriano Peixoto, 345 — UBIRAMA — Fône, 61

AVISO

A Prefeitura Municipal desta cidade, torna público que não houve alteração alguma sobre o fornecimento e preço do LEITE nesta cidade, portanto o preço por litro deverá ser ainda de Cr.\$ 1,00 (Um cruzeiro) ao litro. Os interessados que se julgarem prejudicados, com qualquer aumento por ventura dado pelos respectivos fornecedores, deverão levar ao conhecimento desta Prefeitura a fim de ser o infrator submetido as penalidades da lei.

Prefeitura Municipal de Ubirama, 5-4-1946.

José Salustiano de Oliveira
Prefeito Municipal

Em prol do futebol local
Um bellissimo boi em beneficio do esporte Ubiramense.

O snr. Pilade Momo, abastado fazendeiro residente neste municipio, acaba de oferecer um bellissimo boi, de seus afamadissimos pastos, em beneficio ao futebol local.

O custoso especimen da raça Cruzerá, será posto a sorteio pela Loteria Federal, a Cr.\$ 20,00 o cartão de quatro centenas.

Revistas e Jornais

Acabamos de receber a brochura «Sifilis», da autoria Danilo Perestrello, enviado pelo ministerio da Educação e Saude.

Semana da Tuberculose

— I —

QUANTO MAIS CEDO, MELHOR

Muitas vezes, quando se julga estar em início da tuberculose, esta já tomou conta do organismo. A molestia, na quase totalidade dos casos, é de início inaparente. Quanto mais cedo for descoberta, tanto maiores serão as probabilidades de cura. O exame pelos raios X permite o diagnostico precoce da tuberculose pulmonar.

Faça-se examinar pelos raios X, facilitando o diagnostico, o tratamento e a cura da tuberculose.

SNES

Anunciem neste jornal

FRACOS 2 ANEMICOS!
Tomem:
VINHO CREOSOTADO

Do Ph. Ch. João da Silva Silveira
Empregado com exito nas:

- Tosses
- Resfriados
- Bronchites
- Escrophulose
- Convalecencas

VINHO CREOSOTADO
um gerador de saúde.

Dr. João Paccola Primo

MÉDICO

Clinica geral de adultos e crianças - Cirurgia - Partos

Doenças do Ouvido, Nariz e Garganta

Ex-interno por concurso do Pronto Socorro do Rio de Janeiro — Ex-interno por concurso da Maternidade do Hospital São Francisco de Assis á cargo do Dr. Aguinaga. — Ex-interno residente da Casa de Saúde São Jorge (Rio de Janeiro)

Caixa 35 — Fone, 48 — UBIRAMA — Estado de São Paulo

TIRADENTES E A INCONFIDENCIA MINEIRA

EM 21 DE ABRIL DE 1792 SUBIA AO PATIBULO JOAQUIM JOSÉ DA SILVA XAVIER — AS CAUSAS DA CONJURAÇÃO — SENTIMENTO NATIVISTA E IDÉIAS LIBERAIS — DERRAMA E "DEFICIT" DOS QUINTOS DE OURO PARA A CORÔA

O dia 21 de abril de 1792 — data em que foi supliciado, no Rio de Janeiro, Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes — caíra num sábado cheio de sol; e quando este se achava a pino, recebidos do guardião do Convento de Santo Antonio, os últimos confortos espirituais, o negro Capitania, que desempenhava o officio de carrasco, procedeu ao enforcamento do proto-martir de nossa independência política.

O campo da Polé, onde a justiça da rainha se cumpriu, passou depois a chamar-se praça Tiradentes, como reconhecimento dos pósteros ao batalhador da nossa liberdade.

A sentença da Alçada, porém, não se contentava com tirar a vida áquele Alferes criminoso, que ousára querer sublevar o povo das Minas Gerais contra a autoridade régia e seus prepostos administrativos. Era necessário escarmentar a gente brasileira, para que ninguém mais se atrevesse a rejeitar as ordens da Corôa. Por isso, a Alçada determinára, além da infâmia decretada para seus descendentes, que o corpo do pobre alferes fôsse esquartejado (o que o carrasco cumpriu, na Casa do Trem, ajudado por dois galés), dando, assim, um público e formal testemunho da bárbara atrocidade daqueles tempos, em que a justiça se banhava em sangue e se regozijava com estarrecer o coração do povo.

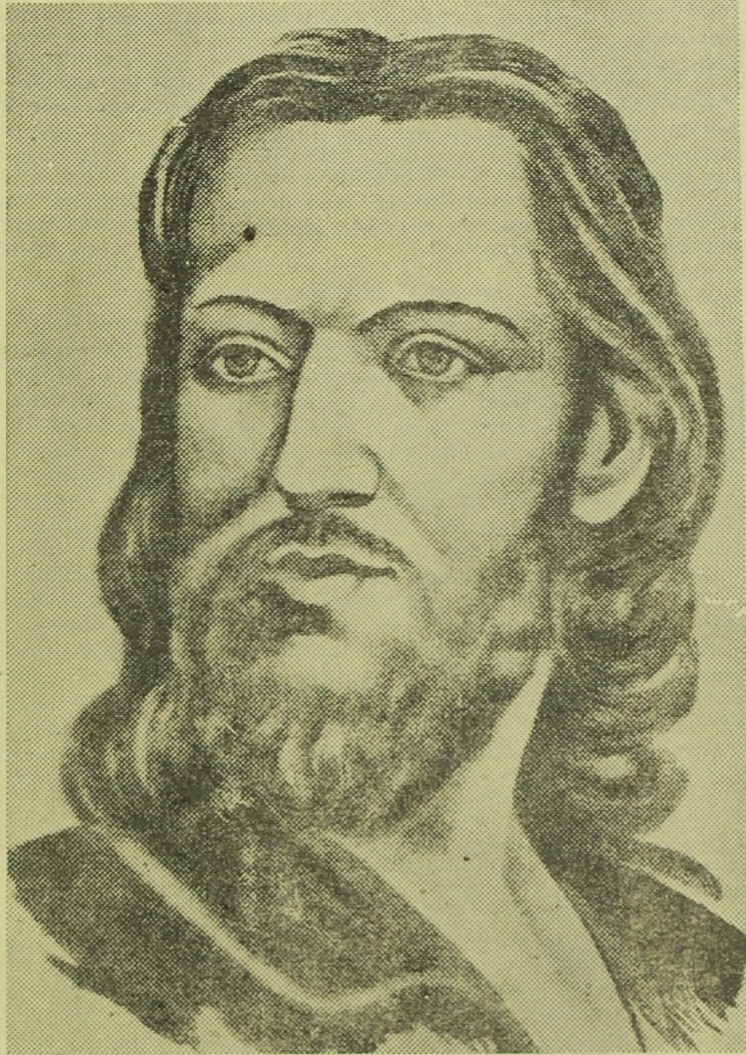
Salgados os despojos, foram eles conduzidos em surrões, no lombo de burros, para Minas Gerais, cenário da Conjuração. Até dos locais de exposição cogitava a decisão judicial: um quarto do corpo seria entetado no sítio das Cebolas, outro em Varginha, o terceiro na Borda do Campo e o último, por fim, em Bandeirinha, lugares em que Tiradentes inflamára os patriotas com sua pregação; a cabeça — tresloucada cabeça que amára a liberdade! — arrostaria o sol e as tempestades na praça pública de Vila Rica, matriz da Inconfidência. O que tudo se cumpriu linha por linha, para gáudio do paço real.

A Inconfidência Mineira teve como seu movel precípua o desejo inconfido de liberdade que estrugia no peito dos brasileiros oprimidos pela

tiranía e pela tributação exasperada a que estavam sujeitos. Basta dizer-se que o povo não podia ler, ou antes, só podia ler o que os diligentes guardas do trono real permitiam. Em 1747, por exemplo, fundou-se no Rio de Janeiro uma oficina tipográfica á revelia das autoridades; mas estas logo se inteiraram de sua existência, mandando empastelar os prelos. Indústrias, com elas então o Brasil nem podia sonhar: um alvará da Rainha dona Maria I, datado de 1785, vedava terminantemente, o funcionamento de toda e qualquer indústria nestas bandas do Atlantico, exceto, naturalmente, o fabrico de tecidos ordinários de algodão, com que se cobrisse a nudez dos escravos ou se embalsassem mercancias.

Quanto ao ouro, o caso raiava pela extorsão. Pela lei de 11 de fevereiro de 1719, o metal extraído das minas deveria ser levado ás casas de fundição criadas no ato, para nelas ser fundido e quintado.

Afora a deducção do quinto e as despesas de fundição, outras contribuições saíam do bolso do mineiro, inclusive para os "alfinetes", isto é,



gastos particulares, da rainha. A circulação do ouro em pó como moeda foi proibida, e a instituição da casa da moeda, em Minas, por carta régia de 19 de março de 1720 deu azo a que o povo se revoltasse — pagando Felipe dos Santos Freire, principal cabeça, o preço dessa rebeldia, com o enforcamento em praça pública.

O sistema de cobrança dos quintos perdurou, mas as nossas minas exaustas começaram a tornar-se deficitárias. Em 1788 o débito de quintos subia de 528 arrobas ou 3.305.472\$000 pelo valor da moeda do tempo, segundo os cálculos de Max Fleiuss. O novo governador da capitania de Minas, Luiz Antonio Furtado de Castro do Rio de Mendonça e Faro, visconde de Barbacena, entendeu porém, de cobrar os quintos atrasados por meio de uma derrama, ou sangria na bolsa do povo.

Tal derrama serviria de pretexto para os conjurados. A República seria proclamada, depondo-se o governador. A escravidão abolida, indús-

trias numerosas instaladas. A capital seria S. João Del Rei e a nova bandeira teria por lema o inicio do verso de uma das Eclôgas de Vergílio: "Libertas quae sera tamen", liberdade ainda que tardia! Dissemos que a derrama serviria de pretexto, porque ela viria exercer o papel de uma gota num copo de água. A causa real do movimento era o sentido nativista que vinha exarcebando desde as guerras dos embaixas acirradas pelo despotismo da côrte de ultramar.

As idéias liberais e filosóficas encontraram também ressonancia em Vila Rica trazidas por Domingos de Vidal Barbosa e José Alvares Maciel, filho do capitão-mór, que tinham estado na Europa. As colônias inglesas da América tinham proclamado sua independência de Londres, constituindo uma jovem República, unida e forte. O povo, na França, embui-do dos ensinamentos de

seus líderes, que os bebiam nos Enciclopedistas, iria pouco depois mostrar sua pujança, derrubando a Bastilha e o próprio trono real. A formula "Liberté, Égalité, Fraternité", pairava no ar. Um brasileiro, José Joaquim de

Maia, chegára mesmo a avistar-se com o embaixador norte-americano na França que viria depois a ser presidente de sua nação. E Thomas Jefferson prometeu-lhe o apoio do seu país em caso de uma libertação da colônia.

OS CONSPIRADORES, A DELAÇÃO E A SENTENÇA

A principal figura da Inconfidência foi o Alferes Joaquim José da Silva Xavier, do regimento de Dragões. A alcunha de "Tiradentes", devia-a ele á sua habilidade, pois, segundo os expressivos dizeres da época, "tinha inteligencia curativa e era um tanto cirurgião". O próprio comandante do regimento, Francisco de Paula Freire de Andrade, formava entre os conjurados. Entre os demais contavam-se os citados Maciel e Vidal Barbosa, o padre Carlos Correia de Toledo e Melo, os coronéis Inacio José de Alvares Peixoto e Domingos de Abreu Vieira, o padre José da Silva Oliveira Rolim, o desembargador Tomaz Antonio Gonzaga, o advogado Claudio Manoel da Costa, os dois, José Rezende da Costa, pai e filho, e os sargentos-móres Luiz Vaz de Toledo Pisa e José Joaquim da Rocha.

O delator do plano foi o coronel de Dragões Joaquim Silvêrio dos Reis, devedor do erário régio. Apresentou, por escrito, a denúncia ao Visconde de Barbacena e seguiu Tiradentes ao Rio de Janeiro, para aí prendê-lo, em 10 de maio de 1789, na rua dos Latoeiros, hoje Gonçalves Dias. Pouco depois, em Vila Rica, eram presos os demais conjurados e iniciadas as devassas, em Minas pelo visconde, e no Rio pelo vice rei, conde de Resende.

Afinal, em 18 de abril de 1792, depois de quase três anos de prisão, vieram os conjurados sua sentença lavrada pela Alçada: dez condenados a pena capital, outros a degrêdo perpétuo na África. Armados de carta régia de Dona Maria I, os juizes porém comutaram a pena de morte em desterro, exceto para Tiradentes, que chamou a si toda a responsabilidade pelo ocorrido. E, solitário e heróico, subiu ao patíbulo naquele meio-dia ensolarado de 1792, expiando o crime de ter amado a liberdade.

EPISÓDIOS HISTÓRICOS

A PRIMEIRA INDUSTRIA PAULISTA



MENOTTI DEL PICCHIA

e os sacerdotes de Tupã. O índio hesitava ainda, entre as seduções da crença no Deus único e a fôrça, que se cristalizara nos séculos, da sua grosseira credence nas artes e artimanhas dos pagés da tribo. Duas teogonias disputavam, nesse delbar da nacionalidade, o incôla aturdido.

E um duelo de milagres, de curas prodigiosas, de escamoteações, de sugestões, se estabelecera entre o núcleo cristão da Igreja do Colégio e os torvos feiticeiros da floresta.

Anchieta mandara um índio catequizado á cabana de Irací verificar se já se liberara dos trabalhos do parto. Iria batizar o novo paulista, assim que um vagido claro, anunciador do advento de uma nova vida, vibrasse na humilde choça da formosa indígena.

Ela morava em Pinheiros. A certeza de incorporar mais uma alma á glória do Senhor daria fôrças ao incansável taumaturgo para, inda uma vez, vencer, a pé, a áspera distancia.

O seu emissário, porém, voltara desacorçoado. Lá na choupana, onde um garoto côr de cobre surgira esperneando, cheio de vida e de berros, encontrara Apiassú, o tremendo pagé da tribo.

— Buava não põe mão na cabeça de filho de Irací. Apiassú não deixa. Tupã quer filho de Irací. Buava tem

(Conclui na oitava página)

RADAR OUTRA MARAVILHA DO SEculo

O "olho magico" que atravessa a neblina, a fumaça e as trevas da noite, focalizando o ponto exato do objetivo

A história do "Radar" — até agora um segredo militar cuidadosamente guardado e, depois da bomba atômica, considerado o mais importante aperfeiçoamento científico da guerra — foi recentemente revelada em declaração feita pelas autoridades oficiais norte-americanas.

Uma comunicação conjunta dos Departamentos de Guerra e Marinha e do Bureau de Pesquisas e Desenvolvidimentos Científicos autorizava a publicação de muitos pormenores sobre o "Radar", seus serviços inestimáveis aos aliados e suas perspectivas em um mundo de paz.

Com efeito, o que o "Radar" faz é "ver" através de nevoeiro, das nuvens, fumo e, também, da noite mais negra. Sua "visão" é mais rápida e mais apurada do que qualquer "olho de linco" humano ou do mais preciso instrumento ótico. Trabalha as vinte e quatro horas do dia, qualquer que seja o tempo, no ar, em terra ou no mar. E' tão preciso á meia-noite, em meio a uma tempestade, como ao meio-dia, com um sol brilhante.

Seu funcionamento foi talvez um dos fatores decisivos da derrota da Alemanha e do Japão. Na paz, de acôrdo com os técnicos, o "Radar" tornará a navegação, tanto aérea co-



Um soldado africano da artilharia anti-aérea controlando o aparelho de radar de sua bateria

mo marítima, mais segura ainda, quaisquer que sejam as condições de temperatura. Por sua incursão no campo eletrônico, de um modo geral — inclusive a televisão e todas as formas de rádio-comunicação — podem ser esperadas inúmeras aplicações do "Radar", em ampla variedade de (Conclui na oitava página)

AOS LEITORES

Não poupando esforços afim de melhorar nosso jornal, iniciamos hoje a publicação de um Suplemento que será distribuído conjuntamente com o exemplar comum.

Como os leitores verificarão, trata-se de um melhoramento substancial, que procuraremos manter e melhorar dentro das possibilidades economicas de nossa folha. Para isso contamos com o inestimável apoio dos leitores e anunciantes, os quais, bem o sabemos, nunca deixaram de incentivar as boas iniciativas.

De nossa parte, nos consideraremos fartamente compensados se o novo melhoramento agradar aos leitores.

(Conclui na oitava página)

-se quando não a tocavam bem. Desde logo, as orquestras de teatro a executaram, e ele lá foi a um deles. Não desgostou também de a ouvir assobiada, uma noite, por um vulto que descia a rua do Aterrado.

Essa lua de mel durou apenas um quarto de lua. Como das outras vezes, e mais depressa ainda, os velhos mestres retratados o fizeram sangrar de remorsos. Veixado e enfastiado, Pestana arremeteu contra aquela que o viera consolar tantas vezes, musa de olhos marotos e gestos arredondados, fácil e graciosa. E aí voltaram as náuseas de si mesmo, o ódio a quem lhe pedia a nova polca da moda, e juntamente o esforço de compor alguma coisa ao sabor clássico, uma página que fosse, uma só, mas tal que pudesse ser encadernada entre Bach e Schumann. Vão estudo, inútil esforço. Mergulhava naquele Jordão sem sair batizado. Noites e noites, gastou-se assim, confiado e teimoso, certo de que a vontade era tudo, e que, uma vez que abrisse mão da música fácil...

— As polcas que vão para o inferno fazer dansar o diabo, disse ele um dia, de madrugada ao deitar-se.

Mas as polcas não quiseram ir tão fundo. Vinham à casa de Pestana, à própria sala dos retratos, irrompiam tão prontas, que ele não tinha mais que o tempo de as compor, imprimi-las depois, gostá-las alguns dias, aborrecê-las, e tornar às velhas fontes, donde lhe não manava nada. Nessa alternativa viveu até casar, e depois de casar.

— Casar com quem? perguntou Sinhazinha Mota ao tio escrivão que lhe deu aquela notícia.

— Vai casar com uma viúva.

— Velha?

— Vinte e sete anos.

— Bonita?

— Não, nem feia, assim, assim. Ouvi dizer que ele se enamorou dela, porque a ouviu cantar na última festa de S. Francisco de Paula. Mas ouvi também que ela possui outra prenda, que não é rara, mas vale menos, está física.

Os escrivães não deviam ter espírito, — mau espírito quero dizer. A sobrinha deste sentiu no fim um pingo de bálsamo, que lhe curou a dentadinha da inveja. Era tudo verdade. Pestana casou daí a dias com uma viúva de vinte e sete anos, boa cantora e física. Recebeu-a como a esposa

UM HOMEM CÉLEBRE

(Conclusão da quarta página)

espiritual do seu gênio. O celibato era, sem dúvida, a causa da esterilidade e do transvia, dizia ele consigo; artisticamente considerava-se um arruador de horas mortas; tinha as polcas por aventuras de petímetros. Agora, sim, é que ia engendrar uma família de obras sérias, profundas, inspiradas e trabalhadas.

Essa esperança abotoou desde as primeiras horas do amor, e desabrochou à primeira aurora do casamento. Maria, balbuciou a alma dele, dá-me o que não achei na solidão das noites, nem no tumulto dos dias.

Desde logo, para comemorar o consórcio, teve idéia de compor um noturno. Chamar-lhe-ia "Ave Maria". A felicidade com o que lhe trouxe um princípio de inspiração; não querendo dizer nada à mulher, antes de pronto, trabalhava às escondidas; coisa difícil, porque Maria, que amava igualmente a arte, vinha tocar com ele,

dando, alucinado, mortificado, eterna peteca entre a ambição e a vocação... Passou o velho matadouro; ao chegar à porteira da estrada de ferro, teve idéia de ir pelo trilho acima e esperar o primeiro trem que viesse e o esmagasse. O guarda fê-lo recuar. Voltou a si e tornou a casa.

Poucos dias depois, — uma clara e fresca manhã de maio de 1876, — eram seis horas, Pestana sentiu nos dedos um frêmito particular e conhecido. Ergueu-se devagarinho, para não acordar Maria, que tossira toda a noite, e agora dormia profundamente. Foi para a sala dos retratos, abriu o piano, e, o mais surdamente que pôde, extraiu uma polca. Fê-la publicar com um pseudônimo; nos dois meses seguintes compôs e publicou mais duas. Maria não soube nada; ia tossindo e morrendo, até que expirou, uma noite, nos braços do marido, apavorado e desesperado.

Começou a obra; empregou tudo, arrojo, paciência, meditação, e até os caprichos do acaso, como fizera outrora, imitando Mozart. Releu e estudou o "Requiem" deste autor... Passaram-se semanas e meses. A obra, célebre a princípio, afrouxou o andar. Pestana tinha altos e baixos. Ora achava-a incompleta, não lhe sentia a alma sacra, nem idéia, nem inspiração, nem método; ora elevava-se-lhe o coração e trabalhava com vigor. Oito meses, nove, dez, onze e o "Requiem" não estava concluído. Redobrou de esforços; esqueceu lições e amizades. Tinha referido muitas vezes a obra; mas agora queria concluir-la, fosse como fosse. Quinze dias, oito, cinco... A aurora do aniversário veio achá-lo trabalhando.

Contentou-se da missa rezada e simples, para ele só. Não se pôde dizer se todas as lágrimas que lhe vieram sorratamente aos olhos, foram do marido, ou se algumas

forma eleitoral. A polca não perdera a originalidade nem a inspiração. Trazia a mesma nota genial. As outras polcas vieram vindo, regularmente. Conservara os retratos e os repertórios; mas fugia de gastar todas as noites ao piano, para não cair em novas tentativas. Já agora pedia uma entrada de graça, sempre que havia alguma boa ópera ou concerto de artista, ia, metia-se a um canto, gozando aquela porção de coisas que nunca lhe haviam de brotar do cérebro. Uma ou outra vez, ao tornar para casa, cheio de música, despertava nele o maestro inédito; então, sentava-se ao piano, e, sem idéia, tirava algumas notas, até que ia dormir, vinte ou trinta minutos depois.

Assim foram passando os anos, até 1885. A fama do Pestana deralhe definitivamente o primeiro lugar entre os compositores de polcas; mas o 1.º lugar da aldeia não contentava a este César, que continuava a preferir-lhe, não o segundo, mas o centésimo em Roma. Tinha ainda as alternativas de outro tempo, acerca de suas composições: a diferença é que eram menos violentas. Nem entusiasmo nas primeiras horas, nem horror depois da primeira semana; algum prazer e certo fastio.

Naquele ano, apanhou uma febre de nada, que em poucos dias cresceu, até virar pernicioso. Já estava em perigo, quando lhe apareceu o editor, que não sabia da doença, e ia dar-lhe notícia da subida dos conservadores, e pedir-lhe uma polca de ocasião. O enfermeiro, pobre clarineta de teatro, referiu-lhe o estado de Pestana, de modo que o editor entendeu a lição. O doente é que instou para que lhe dissesse o que era; o editor obedeceu.

— Mas há de ser quando estiver bom de todo, concluiu.

— Logo que a febre decline um pouco, disse o Pestana.

Seguiu-se uma pausa de alguns segundos. O clarineta foi pé ante pé preparar o remédio; o editor levantou-se e despediu-se.

— Adeus.

— Olhe, disse o Pestana, como é provável que eu morra por estes dias, faço-lhe logo duas polcas; a outra servirá para quando subirem os liberais.

Foi a única pilhéria que disse em toda a vida, e era tempo, porque expirou na madrugada seguinte, às quatro horas e cinco minutos, bem com os homens e mal consigo mesmo.

COMO NASCEU O CIGARRO

O século passado foi bem o século das luzes. E a gente avalia perfeitamente esta verdade, constatando como agora sucessivamente se registam ou se comemoram os primeiros centenários das principais descobertas que a humanidade aproveitou hoje.

Quem dirá que fez há pouco um século apenas que um soldado francês, durante a guerra entre turcos e egípcios, velho e inveterado fumador de cachimbo — inventou o cigarro? Um dia faltou-lhe o cachimbo, seu companheiro constante e inseparável. Para o substituir, enrolou o tabaco num pedaço de papel — e resolveu o problema.

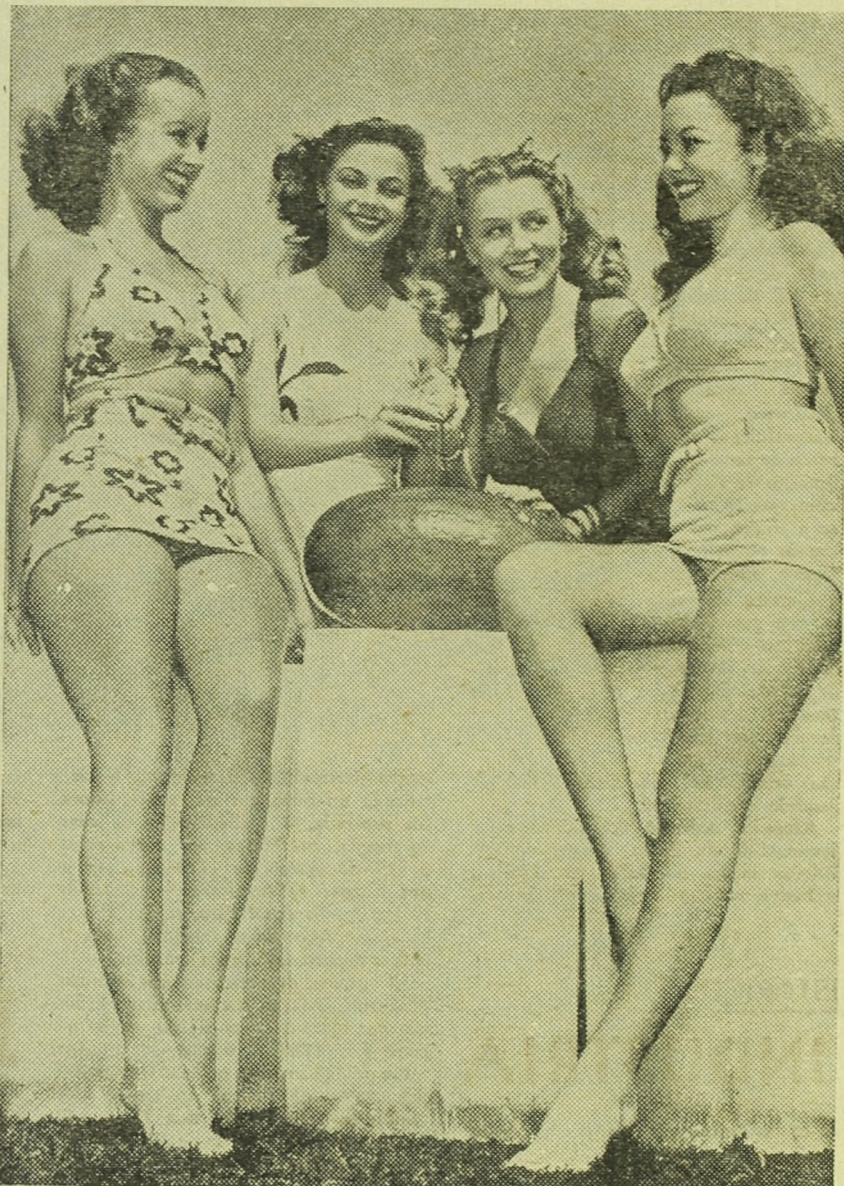
Dêste gesto simples — nasceu o cigarro. Mas só em 1850, se fundou na Rússia, em S. Petersburgo (hoje Leningrado), a primeira fábrica. E só em 1858, um grego montou outra e começou a exportar cigarros, cujo consumo, atualmente, absorve por ano, 2.500.000 toneladas em todo o mundo.

Anunciaram a Benserade a morte de uma viúva rica, velha e feia: "Enterraram-na ontem", disse-lhe o anunciador. "Que pena, antes de ontem ela era um ótimo partido".

Maravilhas do Cinema



NOEL NEILL,
KAI SCOTT,
JULIE GIBSON
e
GLORIA SUNDERS
— uma graciosa
constelação
de
Hollywood



ou ouvi-lo somente, horas e horas, na sala dos retratos. Chegaram a fazer alguns concertos semanais, com três artistas, amigos do Pestana. Um domingo, porém, não se pôde ter o marido, e chamou a mulher para tocar um trecho do noturno; não lhe disse o que era nem de quem era. De repente, parando, interrogou-a com os olhos.

— Acaba, disse Maria; não é Chopin?

Pestana empalideceu, fitou os olhos no ar, repetiu um ou dois trechos e ergueu-se. Maria assentou-se ao piano, e, depois de algum esforço de memória, executou a peça de Chopin. A idéia, o motivo eram os mesmos; Pestana achara-os em algum daqueles becos escuros da memória, velha cidade de traições. Triste, desesperado, saiu de casa, e dirigiu-se para o lado da ponte, caminho de São Cristóvão.

Para que lutar? dizia ele. Vou com as polcas... Viva a polca! Homens que passavam por ele, e ouviam isto, ficavam olhando, como para um doido. E ele ia an-

Era noite de Natal. A dor do Pestana teve um acréscimo, porque na vizinhança havia um baile, em que se tocaram várias de suas melhores polcas. Já o baile era duro de sofrer; as suas composições davam-lhe um ar de ironia e perversidade. Ele sentia a cadência dos passos, adivinhava os movimentos, porventura lubrificados, a que obrigava alguma daquelas composições; tudo isso ao pé do cadáver pálido, um molho de ossos, estendido na cama... Todas as horas da noite passaram assim, vagarosas ou rápidas, úmidas de lágrimas e de suor, de águas de Colônia e de Labarraque, saltando sem parar, como ao som da polca de um grande Pestana invisível.

Enterrada a mulher, o viúvo teve uma única preocupação; deixar a música, depois de compor um "Requiem", que faria executar no primeiro aniversário da morte de Maria. Escolheria outro emprego, escrevente, carteiro, mascate, qualquer coisa que lhe fizesse esquecer a arte assassina e surda.

eram do compositor. Certo é que nunca mais tornou ao "Requiem".

— Para que? dizia ele a si mesmo.

Correu ainda um ano. No princípio de 1878, apareceu-lhe o editor.

— Lá vão dois anos, disse este, que nos não dá um ar da sua graça. Toda a gente pergunta se o senhor perdeu o talento. Que tem feito?

— Nada.

— Bem sei o golpe que o feriu; mas lá vão dois anos. Venho propor-lhe um contrato; vinte polcas durante doze meses; o preço antigo, e uma porcentagem maior na venda. Depois, acabado o ano, podemos renovar.

Pestana assentiu com um gesto. Poucas lições tinha, vendera a casa para saldar dívidas, e as necessidades iam comendo o resto, que era assás escasso. Aceitou o contrato.

— Mas a primeira polca há de ser já, explicou o editor. E' urgente. Viu a carta do imperador ao Caxias? Os liberais foram chamados ao poder; vão fazer a re-

UM TRATAMENTO DA EMBRIAGUEZ ALCOÓLICA

Bickel verificou que administrando uma ração bastante forte de açúcar correntemente com fortes doses de álcool, chega-se a reduzir ligeiramente a duração da embriaguez, ao menos nas cobaias.

Teve ele então ocasião de pesquisar se a administração de insulina tinha efeitos análogos e, assim, pôde verificar que se chega a abaixar rapidamente a taxa de álcool do sangue, paralelamente à cura da glicemia.

Se ao mesmo tempo que o álcool, administra-se açúcar, a insulina age mais energicamente sobre a glicemia do que sobre a alcoolemia.

Parece que o açúcar protege o álcool contra a ação da insulina. Contudo, parece também que a insulina é capaz de determinar uma melhora notável do estado de embriaguez, porém sem fazer baixar apreciavelmente o álcool do sangue.

Estas pesquisas de fisiologia estabelecem então que um tratamento insulínico energético, associado a um pouco de açúcar para prevenir o choque hipoglicêmico, pode ser recomendado na embriaguez alcoólica aguda.

(De "Viver")

QUE OCORRE QUANDO DORMIMOS?

É comum ouvir-se dizer que o sono é irmão da morte, entretanto, a semelhança é apenas aparente, para não dizer superficial. Observando-se uma pessoa sã, que dorme, notam-se muitos e evidentes sinais de vida. Respira profunda e compassadamente, o pulso é lento e vigoroso, os lábios têm uma cor rosa bem intensa. A pessoa dormindo reage a qualquer contacto, como se fôra uma atitude instintiva de defesa e qualquer ruído mais forte interrompe o sono. Somente durante um sono muito profundo, que, aliás, raramente se prolonga por mais de uma hora e meia, o ouvido se torna insensível, mesmo aos barulhos mais fortes.

A audição é, de todos os sentidos, o último a dormir e o primeiro a despertar. Poderia dizer-se que enquanto o corpo descansa o ouvido fica de sentinela. O ponto avançado que ocupa, determina providências mais ou menos severas conforme as circunstâncias: quando o cérebro sabe que é necessário levantar-se a determinada hora, o ouvido ouve até as badaladas que dá o relógio, porém a consequência de um dia de afanoso trabalho e a possibilidade de continuar dormindo, faz com que o ouvido permaneça surdo, mesmo ao lado de um despertador capaz de despertar toda a vizinhança. Por aí se conclui que a consciência não se suspende durante o sono, de uma forma tão absoluta como geralmente se supõe. Somente determinadas zonas do cérebro permanecem inativas.

O coração e os pulmões continuam ininterruptamente seu trabalho. Em compensação, a função glandular fica notavelmente restringida. O fígado e o intestino limitam o seu trabalho, a digestão é sumamente lenta e as glândulas lacrimais suspendem o seu trabalho. Começamos a notar que "o sono invade os nossos olhos" quando

Perguntaram, certa vez, a Madame d'Argenson, mulher do ministro de Luís XV qual dos dois irmãos Paris ela preferia. "Quando estou com um, disse ela, prefiro sempre o outro".

O ouvido é o último sentido que dorme e o primeiro que desperta — O cérebro carrega oxigênio — O ritmo da respiração diminui e decai, por outro lado, a pressão arterial — As enfermidades graves curam quando o enfermo consegue dormir

sentimos nêles vontade de esfregá-los, como se tivessem um corpo estranho. Na Europa costuma dizer-se, descrevendo tal sensação nos meninos com os olhos cheios de sono, que chegou "o homem da areia".

A pessoa que acorda esfrega os olhos para desalojar dêles a sensação de secura, estimulando com essa espécie de massagem as glândulas lacri-

Do DR. G. KAUFMANN

me com a boca aberta, também se produzem dormindo com a boca fechada e são devidos ao fato de secreção salivar ficar muito restringida durante o sono. Como consequência, sentimos a imperiosa necessidade de molhar a boca, lavar os dentes e fazer gargarejos para fomentar a secreção salivar e assim refrescar as mucosas ressecadas.

Há pessoas, sobretudo entre os fumantes, que costumam saudar o novo dia com um sonoro e pouco melodioso pigarro. É que as mucosas dos órgãos de respiração se encontram num estado de irritação crônica e a secreção restringida durante a noite produziu uma camada seca e aderente. Essa secura produz a irritação das vias respiratórias, provocando a tosse, que por sua vez estimula a secreção das mucosas afrouxando as camadas aderidas, que a tosse expulsa.

Uma pessoa dormindo que desperte bruscamente, vacilará ao tentar levantar-se e possivelmente até sintá-se enjoada. É que o cérebro ainda não despertou de todo, ou dizendo melhor, a circulação sanguínea não se adaptou de todo ao estado de vigília. Ocorre que durante o sono os vasos sanguíneos se dilatam, dando passagem a uma quantidade de sangue quase cinco vezes maior, o que traz uma maior proporção de oxigênio às células cerebrais. Portanto, as horas de repouso tem por objetivo renovar nosso poder de razão, fazendo-o mais apto para o dia seguinte.

A RESPIRAÇÃO É ALTERADA

Durante o repouso noturno altera-se também o ritmo da respiração. As inspirações são mais profundas que as expirações. O organismo expele mais o oxigênio que anidrido carbônico, já que o trabalho físico reduz a sua mínima expressão. Durante o sono todas as funções vitais estão dedicadas ao restabelecimento e a renovação, enquanto a vigília corresponde à atividade. O cansaço não é senão um relaxamento da força elástica, porém o acumulador da vida torna a carregar-se durante o sono.

Sentimos a fadiga especialmente sobre os olhos: as pálpebras se tornam pesadas, as letras fogem da vista e às vezes se sobrepõem às imagens.

O conde de Essex disse certa vez a um frade: "Você merecia que eu te lançasse às águas do Tamisa". "Faça-o, disse o religioso, o caminho para o céu é mais curto por água do que por terra".

OS DOIS PRISIONEIRO

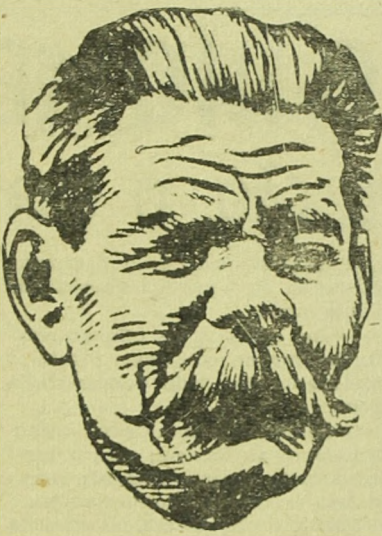
Conto de Máximo Gorki

O sacerdote Solotniski, por certas opiniões herejes, deveria ficar encarcerado 30 anos na prisão de um convento no Susdal, em severa reclusão, em um buraco cavado na rocha.

No lento decurso de onze mil noites o fogo foi o único consolo do recluso e o seu único interlocutor.

Depois de muitos anos Solotniski foi pôsto em liberdade, não só por ter esquecido sua heresia como também porque a sua mente estava debilitada, quase apagada.

Consumido pelos anos de prisão êle pouco parecia com um ser humano; caminhava com a cabeça baixa como se descesse por uma corda para um pôço onde escondia o seu corpo desfeito e miserável. Os olhos turvos lacrimejavam sempre; a cabeça era sempre sacudida por um contínuo tremor e dizia frases impossíveis de se compreender. Os bastos pêlos da barba não eram grisalhos, porém verdes, e a sua tonalidade esverdeada e doentia se podia notar também nos cachos escuros, caídos no rosto enrugado do ancião, que parecia estar feito de farrapos.



Quase louco, dava a impressão de sentir medo dos homens, porém, ao mesmo tempo, tinha isto disfarçado pelo receio que tinham dêles.

Quando se lhe falava, levantava a mão seca de menino, como se esperasse um golpe sobre os olhos e tratasse de protegê-los com aquela mão debil e trêmula. Permanecia quieto, falava pouco e sempre a meia voz.

A prisão lhe havia infundido uma verdadeira idolatria pelo fogo e se animava apenas quando se permitia que acendesse uma acha de lenha na lareira ou que permanecesse em frente das chamas.

Sentado em um banquinho, acendia os troncos com amor, e com êles fazia o sinal da cruz e murmurava, sacudindo a cabeça, as únicas palavras que haviam sido salvas do naufrágio da sua memória: — "Verdadeiro... Eterno fogo... Tu estás em todas as partes... Aquece os pecadores". Tocava os paus acesos com um objeto, e cambaleava como se tivesse o desejo de introduzir a cabeça no fogo enquanto o ar quente soprava entre os verduscos pêlos da sua barba.

— "Tu eras onipotente. Não eras

igual a ninguém. Tua face resplandece no século dos séculos. Eles ouvem... ouvem da face do fogo... Como foge o fumo da cara do fogo... A ti elogios, a ti glórias, Kupina..." Em volta de si os homens piedosos se maravilharam de ver até que ponto poderia torturar-se uma criatura.

Enorme foi o susto de Solotniski quando viu uma lâmpada elétrica, de luz branca.

O velho, depois de haver olhado, se pôs a agitar as mãos e a suplicar: — "Também êle... oh!... também êle... Porque o haveis aprisionado? Não é o diabo! Por que então?..."

Por muito tempo não se conseguiu acalmar o velho recluso; de seus olhos nublados rolavam pequenas lágrimas; sacudia-se todo e suspirando dolorosamente suplicava aos presentes:

— "Oh! servos do Senhor! Por que haveis feito prisioneiro ao pequeno raio de sol? Oh! homens! Temei a cólera do fogo!"

E alargando a mão seca e trêmula até tocar levemente as pessoas em volta de si, soluçava:

— Oh! deixai-o livre... livre...

CURIOSIDADES MATEMÁTICAS

O jogo de xadrez, que tem apaixonados por todo o mundo, levou mais de um matemático a fazer cálculos curiosos sobre o número de lances diversos que se podem fazer com as 36 pedras, nas 64 casas.

É bom saber que, em cada partida, se pode sair de vinte maneiras diversas, sendo o número de combinações nas quatro primeiras jogadas de 318.979.564.000.

Se fôsse possível jogar xadrez sem cessar, à razão de um minuto por partida, precisar-se-ia de 600.000 anos para fazer aqueles lances.

Nas dez primeiras jogadas, o número de combinações atinge a frioleira de 169.518.829.100.544.000.000.000.000.

Considerando que a população do mundo inteiro seja de... 1.483.000.000 de indivíduos, precisariam mais de 217.000.000.000 anos para jogar êsse número incrível de lances, ainda que, cada habitante, homem, mulher ou criança, na superfície da terra, estivesse jogando, sem descansar, durante todo êsse enorme período de tempo, à razão de um lance por minuto.

JURAMENTOS SINGULARES

É uso, entre pessoas de bem, jurar pela honra, afirmando um fato. Nos tribunais promete-se dizer a verdade, ante os Santos Evangelhos. Mas, conforme os países, os juramentos têm forma diversa nos gestos e nas palavras.

Os chineses fazem o juramento, torcendo o pescoço de um frango ou galinha, com a seguinte frase:

— Se não digo a verdade, que os deuses me matem, como eu mato esta ave.

Os sacerdotes budistas, dizem ao jurar:

— Se minto, que seja atirado para o purgatório e me veja condenado a levar água através do fogo num cesto de vime.

Em Assan, Índia, a testemunha comparece ante os juizes, trazendo uma corda e presta o seguinte juramento:

— Se as minhas palavras são falsas que eu pereça com esta corda ao pescoço.

Na Nova Guiné, juram invocando o Sol para que os abraze se não estão dizendo a verdade.

Muitos povos selvagens fazem os seus juramentos pelas feras, pedindo para serem devorados por elas, se as suas confissões ou declarações são falsas.

É bem certo o ditado: cada roca com seu fuso, cada terra com seu uso.

TERIA SIDO BABILONIA O BERÇO DA CERVEJA?

A EVOLUÇÃO DESSA BEBIDA ATRAVÉS DOS SÉCULOS

da cerveja feita com esse cereal... Mas fôsse qual fôsse o berço verdadeiro, o certo é que os historiadores primitivos se mostraram de acôrdo num ponto: que a bebida era deliciosa!

Fontes — segundo parece fidedignas — sugerem que os babilônicos reclamavam a honra de ter sido os primeiros a fazer cerveja de cevada, o que, a ser verdade, significa que foram êles os iniciadores do processo hoje em uso. Aos mesmos babilônicos, padreiros famosos, atribui-se a prioridade de fabrico do malte, operação que consiste em submeter a cevada,

sob temperaturas diversas, às operações de maceração, fermentação e dessecação; assim se produz o malte, componente basilar da cerveja moderna. Mas a cerveja mais forte parece ter tido origem entre os egípcios, que entre outras fabricavam uma, conhecida pelo nome de "hek", tão carregada de álcool, que deu, já então, origem a uma campanha anti-alcoólica no país da Esfinge...

Entre esses povos da antiguidade oriental, poucos eram os grãos especialmente aproveitados na elaboração da cerveja. E posto que as fábricas modernas de cerveja sigam em geral

o processo do malte, a que juntam milho, arroz e outros grãos para conseguirem os seus diversos tipos de cerveja, a história desta refere-nos que, na sua elaboração, se tem empregado quase toda a espécie de cereais, tais como aveia, trigo, cevada, arroz, centeio, etc. E quase todos os países, com algumas exceções entre as quais os de clima excessivamente frio, dão mostras de terem sabido desde velha data fazer cerveja.

Através da sua extensa evolução de séculos, as cervejarias foram-se convertendo na maravilha industrial que são agora. A lubrificação tornou-se

fator importantíssimo da sua atividade, em que entram mecanismos transportadores, bombas, motores, engarrafadores e muitas outras máquinas. Foram criados lubrificantes especiais para cervejarias, figurando entre êles graxas com base em petróleo branco para as peças, perto das quais passa a cerveja durante o fabrico. E não só lubrificantes, como também outros produtos derivados do petróleo que se introduziram completamente nas cervejarias. Um desses produtos é uma tinta inatacável pelos ácidos da cerveja, e que por consequência retarda a ação corrosiva destes nos tanques e bastidores de esterilização em cuja pintura é empregada. Outro, é uma parafina especial de que se reveste o interior das latas, cujo emprego se está generalizando agora em lugar de garrafas, sendo neste caso a função da parafina o evitar que a lata dê mau gosto á cerveja.

garoto chamava-se Stenne. Era um garoto de Paris, enfadado e pálido, com dez anos, talvez treze. Com esses marrecos, nunca há certeza. A mãe era morta: o pai, antigo fuzileiro naval, montava guarda numa praça do bairro do Templo. As crianças, as amas, as velhotas vendedoras, as mães pobres, todo o Paris das ruas, que se vem pôr a salvo dos veículos nesses canteiros bordados de calçadas, conhecia e adorava o velho Stenne. Todo o mundo sabia que, sob aqueles rudes bigodes, terror dos cães e dos malandros, dos bancos de jardins, ocultava-se um bom sorriso eternizado, quase maternal, e que para ver aquele sorriso, bastava inquirir do homen-zarrão:

— Como vai seu filhinho? Amava tanto o seu filho! Era tão feliz, à tarde, depois das aulas, quando o garoto vinha buscá-lo e faziam ambos a volta pelas aléias, parando em todos os bancos para falar aos conhecidos, responder às suas cortêsias!

Infelizmente, com o sítio, tudo mudou! A praça do velho Stenne foi fechada e transformada em depósito de petróleo e o pobre homem obrigado a uma vigilância incessante, passava os dias nas montanhas desertas e revolvidas, só, sem fumar, e só via o filho muito tarde, à noite, em casa. Por isso, era de ver a sua bigodeira, quando ele falava dos Prussianos! Quanto ao pequeno Stenne, não se queixava muito dessa vida nova.

Um sítio! É tão interessante para os meninos! As escolas fecham... As férias duram o tempo todo e a rua é como uma feira.

O pequeno ficava fora de casa até a noite, a correr. Acompanhava os batalhões do bairro, que iam para os baluartes, escolhendo de preferência os que tinham uma boa música. E nisso o pequeno Stenne era um entendido: garantia, seguro da sua opinião, que a do 96.º não valia grande coisa, mas que o 55.º tinha uma excelente. Outras vezes assistia aos exercícios dos guardas-móveis. Depois, havia as "caudas" à porta dos fornecedores de viveres...

Com a cesta de compras ao braço, enfiava por uma dessas longas filas que se formavam na sombra das manhãs de inverno sem gás, à porta dos açougueiros, dos padeiros. E aí, com os pés náguas, todos travavam conhecimento, conversavam sobre política e ele, como filho do sr. Stenne, era consultado sobre a sua opinião. O mais divertido, porém, era o famoso jôgo de "galoche", que os guardas-móveis bretões puseram em moda, durante o sítio. Quando o pequeno Stenne não estava nos baluartes ou nas padarias, era certo estar na partida de "galoche" da praça do "Chateau-d'Eu". Claro que ele não jogava: era preciso muito dinheiro. Contentava-se com observar o jôgo e os jogadores.

Um destes, principalmente, um muito alto, de blusa azul, que só jogava peças de cem soldados, excitava a sua admiração. Quando ele corria, ouvia-se tilintar as moedas no bolso da sua blusa...

Um dia, ao apanhar uma moeda que rolara até junto do pequeno Stenne, o mocetão disse-lhe em voz baixa: — Isso te faz arregalar os olhos, hein? Pois se queres, eu te direi onde achá-las... Terminado o jôgo, levou-o a um canto da praça e propôs-lhe ir com ele a vender jornais aos prussianos. Eram 30 francos por viagem. A princípio Stenne recusou indignado e passou três dias sem voltar à partida. Três dias terríveis. Não comia mais, não mais dormia. À noite, via montões de peças de cem soldados que rolavam, luzentes. A tentação era forte demais. No quarto dia, voltou ao jôgo, reviu o conhecido e deixou-se seduzir.

Partiram, em certa manhã de neve, com um saco de lona às costas, os jornais escondidos nas blusas. Ao chegarem à porta de Flandres, vinha despontando o dia. O rapaz tomou Stenne pela mão e, aproximando-se da sentinela, um bravo que tinha o nariz ver-

melho e o ar bondoso, disse-lhe com uma voz de pobre:

— Deixe-nos passar, meu senhor... Mamãe está doente e o papai morreu. Eu vou aqui com meu irmãozinho, apanhar batatas no campo.

O Pequeno Espião

Chorava, Stenne, envergonhado, tinha a cabeça baixa. A sentinela fitou-os um momento e depois lançou um olhar pela estrada, deserta e branca.

— Passem depressa! — disse-lhes, afastando-se. E ei-los no caminho de Aubervilliers. Quem ria era o companheiro do pequeno Stenne!

Confusamente, como num sonho, o pequeno Stenne via usinas transformadas em casernas, barricadas desertas, guarnecidas de farrapos molhados, longas chaminés que furavam o nevoeiro e subiam ao céu, vazias, com enormes brechas. De longe em longe, uma sentinela, oficiais encapotados, que olha-

vam as distâncias com binóculos, e pequenas tendas empapadas de neve derretida, diante de braseiros que morriam. O companheiro conhecia os caminhos, atravessava os campos para evitar os postos. Contudo, não puderam evitar

cozinhos na ponta das baionetas. Os soldados apertaram-se uns contra os outros, para dar lugar aos pequenos. Deram-lhe aguardente e um pouco de café. Enquanto bebiam, um oficial chegou à porta, chamou o sargento, falou-lhe em voz baixa e desapareceu.

— Rapaziada! — disse o sargento ao entrar, radiante. — Vamos ter estrelada esta noite. Conseguimos apanhar a senha dos prussianos. Creio que, desta vez, vamos recapturar esse danado Bourget! Houve uma explosão de "bravos" e risos. Puseram-se os soldados a dançar, a cantar, a brunir os sabres-baionetas. E, aproveitando o tumulto, os pequenos desapareceram.

Passada a trincheira, era apenas a planície e, ao fundo, um longo muro branco, esburacado de seteiras. Era para esse muro que eles se dirigiam, parando a cada passo, para fingir que apanhavam batatas.

— Vamos voltar! Não devemos ir lá! — dizia a todo o momento o pequeno Stenne. O outro dava de ombros e caminhava sempre.

De repente, ouviram o "tric-trac" de um fuzil que se arma. — Deita-te! — fez o maior, atirando-se por terra.

E, uma vez deitado, deu um asobio. Outro silvo respondeu-lhe do meio da neve. Avançaram de rastros. Diante do muro, rente com o chão, apareceram uns bigodes louros, sob um gorro sujo. O companheiro saltou dentro da trincheira, ao lado do prussiano.

— É meu irmão — disse, mostrando o companheiro.

O pequeno Stenne era tão miúdo, que o prussiano, ao vê-lo, pôs-se a rir e foi obrigado a tomá-lo nos braços e erguê-lo até a brecha do muro.

Do outro lado da trincheira eram os montões de terra, árvores derrubadas, covas negras na neve e, em cada cova, o mesmo gorro sujo, os mesmos bigodes louros, que riam ao ver passar os garotos.

A um canto, uma casinha de jardineiro, entrincheirada com troncos de árvores. Em baixo, soldados jogavam cartas, coziam a sopa em um enorme fogo claro. Havia um cheiro bom de couve e tocinho. Em cima, os oficiais tocavam piano, abriam garrafas de champagne. Quando os parisienses en-



ALPHONSE DAUDET

Nas letras francesas da segunda metade do século passado, o nome de Alphonse Daudet avulta como um dos maiores. Contista e romancista, suas obras se caracterizam, principalmente, pelo espírito sadio e jovial de que se revestem, e disso é um exemplo dos mais frizantes o seu "Tartarin de Tarascon", as "Cartas do meu moínho", "A volta de Tartarin". Em outro gênero esse claro e admirável prosador escreveu "Safó", um romance dos mais belos da literatura do seu país, e numerosas histórias que têm como fundo a guerra franco-prussiana de 70. Dotado de uma extraordinária sensibilidade e tendo no mais alto grau o sentimento da França e do seu povo, as páginas deste escritor são verdadeiras "páginas que ficam", não sómente pela fidelidade admirável do retrato psicológico de algumas regiões francesas do seu tempo, mas também pela esplêndida beleza do seu estilo.

tiraram, acolheu-os um hurra de alegria. Eles entregaram os jornais. Depois, fizeram-nos beber e falar. Todos os oficiais tinham um aspecto orgulhoso e rude; mas o companheiro mais velho divertia-os com a sua verve de suburbano de Paris e com o seu vocabulário de garoto das ruas. E eles riam, repetiam as suas palavras, rolavam deliciosamente naquela lama de Paris que lhes traziam...

O pequeno Stenne bem que desejaria falar também, provar que não era um estúpido; alguma coisa, porém, o constrangia. A sua frente mantinha-se, à parte, um prussiano mais idoso, mais sério que os outros, que lia ou fingia ler, porque os seus olhos não o desfiavam. Havia naquele olhar ternura e reprovação, como se aquele homem tivesse deixado no seu país um filho da mesma idade de Stenne e dissesse lá consigo: — Preferia morrer a ver meu filho fazer esse papel...

A partir desse momento Stenne sentiu u'a mão pousar no seu coração e impedi-lo de bater.

Para fugir a essa angústia, pôs-se a beber. Com pouco tudo lhe andava à roda. Ouvia vagamente, no meio de gostosas risadas, o seu camarada zombar dos guardas-nacionais, do seu modo de fazer exercícios, imitar um assalto de armas em Marais, uma alerta à noite, nos baluartes. Depois, o seu companheiro baixou a voz, os oficiais aproximaram-se e os seus rostos tornaram-se graves. O miserável estava a preveni-los do ataque dos franco-atiradores.

Era demais. O pequeno Stenne levantou-se, furioso, já livre da embriaguez: — Isso não! Não quero... O outro limitou-se a rir e continuou. E, antes de haver acabado, todos os oficiais estavam de pé. Um deles mostrou a porta aos garotos:

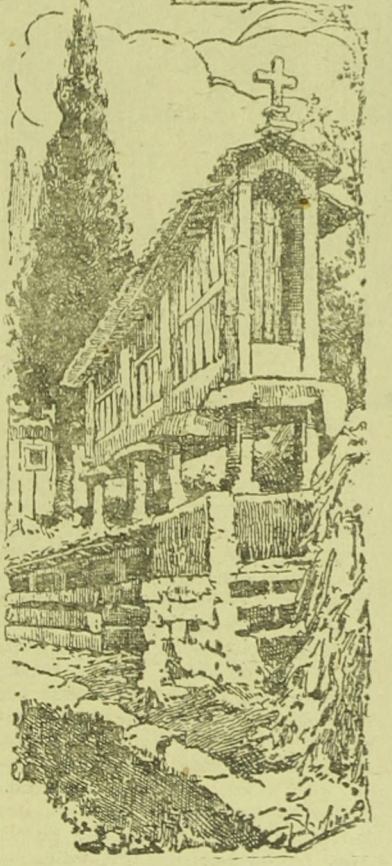
— Vão-se embora! — disse-lhes. E puseram-se a conversar entre eles, muito depressa, em alemão. O garoto maior saiu, altivo como um doge, fazendo tilintar o dinheiro. Stenne seguiu-o, de cabeça baixa; e, quando passou perto do prussiano, cujo olhar tanto o havia incomodado, ouviu uma voz triste que dizia: "Não é bonito, isso não é bonito!" Vieram-lhe lágrimas aos olhos.

Uma vez na planície, os pequenos puseram-se a correr e chegaram rapidamente. Os sacos estavam cheios de batatas que lhes haviam sido dadas pelos prussianos, e, graças a isso, nuderam eles passar sem dificuldades pela trincheira dos franco-atiradores. Pre-

UM CONTO DE JULIO DANTAS

★ HISTORIA DUM VELHO SOLAR

Em certa região do Alto Minho, a dois passos do rio que nos separa da Espanha, há um velho solar da fidalga família dos Castro Menezes, — solar que, como quase todos os desta região, tem a sua história. Quando lá estive, fui vê-lo. Atravessam-se uns campos de



da por uma porta sobre cujo lintel repousa a pedra de armas dos Castro Menezes. A ala direita, constituída em parte pela capela, tem no seu prolongamento, para as trazeiras do edifício, o antigo paço medieval, cujos restos se vêem ainda, representados por dois botarêus possantes e por uma janela feminada ogival, que olha, como uma vigia esperta, para as bandas de Espanha. Em volta, nada de particularmente interessante. Campos de milho, com o seu canastro abençoado pela tradicional cruz de pedra na empena; um cipreste, no terreiro fronteiro, nota melancólica comum a muitos solares minhotos; uma arribana em cuja sombra se adivinham, pela grande porta aberta, manchas rúivas e buliçosas de gado. Subi a larga escada senhorial para ver melhor a paisagem. As montanhas longínquas, quase roxas no declinar da tarde; os pinhais imóveis e verde-negros; as latadas e os milhos alegres, por onde escorria a baba de ouro do sol, — tudo parecia revestir-se duma serenidade virgiliana. Não se ouvia um ruído. Impressionado pelo silêncio da natureza e pelo abandono daquele velho paço deshabitado, ia retirar-me quando uma voz me interpelou:

— Deseja alguma coisa?

Procurei com o olhar a pessoa que se me dirigia. Não vi ninguém. Quando desci a escada, um velho, vestido de negro, meio oculto na sombra, encostado a uma das grossas colunas de granito que suportam a galeria envidraçada, olhava interrogativamente para mim. Era um padre. Pálido, curvado, senil, por certo octogenário, a batina no fio, a volta branca do pescoço esfarrapada, um chapéu mole, tão velho como ele, enterado na cabeça, o homem singular que me aparecia harmonizava-se, pelo seu abandono, pela sua decrepitude, e até pela serena dignidade da sua figura, com o aspecto confrangedor daquele palácio em ruínas. Dirigi-me a ele, de chapéu na mão:

— Pode visitar-se o solar? — Não pode. — Está habitado? — Perderam-se as chaves há sessenta anos. — Mas vossa reverência não vive aqui? — Que lhe importa ao senhor a minha vida?

O provento sacerdote tinha razão. Eu viera perturbar, com a minha presença, a paz sepulcral daquelas ruínas, de que ele fazia parte integrante. Mas a hostilidade com que o pobre velho me

[Conclui na sexta página]

ENERGIA ATÔMICA E RAIOS CÓSMICOS...

Várias e importantes descobertas, que talvez tenham influência direta nas pesquisas russas no campo da energia atômica, foram anunciadas em Monte Alagos, na costa do lago de Karagel, na República da Armênia. Uma expedição russa empenhada no estudo dos raios cósmicos descobriu numerosos protons pesados.

O "Izvestia" informa que sob a ação dos raios cósmicos em folhas de chumbo foram descobertos numerosos protons que são o núcleo do átomo de hidrogênio.

O cientista Kapitza, um dos maiores peritos soviéticos em pesquisas atômicas, desempenhou importante papel na construção do magneto de força para a expedição. Conclui o jornal moscovita que os trabalhos foram iniciados em agosto do ano passado, depois de ter sido lançada a primeira bomba atômica contra o Japão. A expedição foi chefiada pelo cientista A. I. Alihhayan. — R. A.

[Conclui na sexta página]

OS ÚLTIMOS DIAS DE OSCAR WILDE

Em 30 de novembro de 1900 morreu Oscar Wilde. A sua obra conquistou no mundo inteiro a consagração a que tem direito, e 30 anos de infâmias e intrigas justificam bem a reabilitação que se deve ao homem.

"La Revue Hébdomadaire" publicou o texto da carta de McRobert Ross, amigo fiel de Wilde e testemunha da sua morte, que narra os últimos momentos do recluso de Reading.

Wilde, desde a saída da prisão, errava de Dieppe a Nápoles em busca da tranquilidade material e moral sem conseguir encontrá-la.

Por fim, cai em Paris desesperado e na miséria. As suas doenças aumentadas por uma intemperança alcoólica contra a qual já não podia nem queria lutar, não tardaram em acabar com aquele "rei da vida", destronado e pobre.

Em 11 de outubro de 1900 era operado e ficava "terrivelmente fraco", no Hotel de Alsácia, na rua des Beaux Arts, onde veio a morrer.

Em tórno de 25 de outubro teve períodos de excelente bom humor, riu a gargalhadas, prodigalizando muito do seu superior espírito.

Ainda acompanhou Ross numa volta, a pé, pelo bairro Latino, mas com bastante dificuldade. Os cabelos, de um tom castanho-claro, e que não tinham sofrido diferença quando na prisão, começavam agora a embranquecer.

Queixava-se de dores horríveis nos ouvidos, mas não queria deixar de beber, apesar de o médico dizer que morreria se não renunciasse a bebida.

A sua grande inquietação, mais que a morte, eram as dívidas, cerca de 10.000 francos.

Em 12 de novembro insistiu nas suas dificuldades financeiras e exaltou-se com os amigos.

Na noite anterior tinha-se injetado de morfina. Continuou a alimentar-se exclusivamente de champagne.

Em 28 de novembro impressionava vê-lo, magríssimo e lívido.

Em 29, decomps-se-lhe a fisionomia e entrou em estertor agônico, produzindo sons torturantes, ruidosos como o chiar de um carro e que se prolongaram até ao último momento. Da boca resvalavam sangue e espuma.

As duas horas da tarde, 30, modificou-se-lhe a respiração, e pouco depois, exalou o último suspiro.

Ross, o pintor Turner e Dupoirier, proprietário do hotel, amortalharam-no e foram a Mairie participar o falecimento, através de várias dificuldades por ter Wilde dado no bairro o falso nome de Melmoth.

O forense insistia por saber se Wilde "se tinha suicidado ou se o haviam assassinado" e os seus amigos chegaram a temer que o levassem para a Morgue.

Fêz-se uma fotografia do cadáver, mas — última fatalidade — o magnésio não ardeu bem.

No dia seguinte, domingo, apareceu lord Douglas, e segunda-feira às nove horas da manhã o cortejo fúnebre tomou o caminho da igreja de Saint-Germain de Prés. Atrás do carro mortuário seguiam lord Douglas, Ross, Turner, Dupoirier, o enfermeiro e o criado do hotel.

Ao todo, cinquenta pessoas, entre as quais, cinco senhoras de rigoroso luto.

Por último, ficou no cemitério de Bargueux, com a saúde de algumas coroas de flores, o corpo pecador do homem cuja obra admirável resgata todas as acusações com que os seus inimigos o crivaram.

★
Perguntaram a Milton a razão
★ porque um rei, em certos países,
podia se coroar com a idade
de catorze anos e não podia casar-se
senão aos dezoto. "A razão,"
respondeu o poeta, é ser menos fácil
governar uma mulher do que
um reinado".

HISTORIA DUM VELHO SOLAR

[Conclusão da quinta página] recebeu não conseguiu senão aumentar a minha curiosidade a seu respeito. Tirei um cigarro e ofereci-lhe a cigarreira aberta. Pintou-se-lhe na fisionomia uma tal expressão de júbilo, e com tanta avidez a sua mão decrepita, incerta, amarela como um pergaminho antigo, avançou para os cigarros, que — confesso — me comeveu. Dei-lhe lume. O padre sorveu de olhos fechados, voluptuosamente, as primeiras fumaças. Depois, tirou o chapéu, e humilde, curvando a cabeça — um crânio pequeno, redondo, cujos cabelos davam a impressão de um solideo de prata — murmurou:

— Obrigado. Já não fumava há dois dias. O tabaco está muito caro. Daí a pouco, eu e o padre Mateus — era o seu nome — sentados num poial de pedra, conversávamos mão a mão, como dois amigos. Contou-me ele, então, que vivia ali, nas dependências da capela, por favor dos caseiros da quinta. Havia dois anos, ainda dizia missa; depois, os últimos paramentos, podres da umidade do arcaes, foram-se desfazendo aos poucos, os caseiros precisaram da capela para enceleirar o milho que não cabia no espigueiro, as pernas inchadas não lhe permitiam já celebrar o Santo Sacrifício, e — acrescentou o pobre velho — para ali se entretinha, agora, a ensinar doutrina aos garotos e a vêr qual das duas ruínas desabava primeiro, se ele, se o solar.

— Mas de quem é este palácio, perguntei ao padre Mateus.

— Era da senhora morgada do Couto de Ruivães, dona Angélica de Castro Menezes de Sousa e Vasconcelos, que Deus haja em sua santa glória. Está deshabitado desde que ela morreu.

— Há quanto tempo?

— Há sessenta e três anos. Tinha eu vinte e dois, e era, havia um ano, capelão da casa.

— Mas a senhora morgada não deixou herdeiros?

— Uns primos de Braga. Logo que ela morreu, vieram aqui com uma escolta de criados armados, levaram em carros de bois e em azêmolos toda a mobília, pratas e alfaias, e não voltaram. Deram depois de arrendamento a quinta a um antigo feitor.

— E o feitor onde mora?

— Morreu. Morava numas casas, além adiante. No solar, nunca mais ninguém entrou, há sessenta anos.

— Apareciam almas do outro mundo?

— Não senhor. Perderam-se as chaves.

— E, há sessenta anos, ainda não tiveram tempo para mandar fazer outras?

Padre Mateus, sentado no poial, defronte de mim, olhou-me longamente. A sua face pergaminhada pareceu-me mais pálida ainda. As mãos tremiam-lhe sobre os joelhos. Tirou do bolso um lenço vermelho de Alcobaga, passou-o pela testa, onde borbulhava o suor, sacudiu a cabeça, como a afugentar um mau pensamento, e, depois de um demorado silêncio, disse-me, encolhendo os ombros:

— Há coisas que parecem mais fáceis do que realmente são. O senhor vê aquele cipreste?

— Vejo.

— Pois dizem que as chaves estão enterradas ali.

— Nesse caso, por que as não desenterraram?

— Porque quem tentar desenterrá-las, morre.

Não pude deixar de rir.

A convicção com que aquele sacerdote octogenário, que devia conhecer a vida, se fazia eco dessa lenda ingénua, chegou a enternecer-me. A intenção dos herdeiros da morgada de Ruivães, ao inventar a história das chaves, era evidente. Não lhes convindo que alguém ali fosse, ou porque lá deixaram alfaias que não puderam transportar, ou porque suspeitavam de que nas paredes, ou debaixo dos soalhos, houvesse tesouros escondidos, os primos de Braga tinham posto de sentinela ao solar o mais vigilante de todos os guardas: o medo da morte.

— O senhor não acredita — continuou o padre Mateus. — Mas é verdade. Dois, vi-os eu cair mortos, como se os fulminasse a ira de Deus. Um foi o feitor Justino. Parece que o estou vendo. Homem honrado, valente como as armas! A mulher queria meter aquela porta dentro, e ele não deixou.

— Não! A porta dos fidalgos não se arromba!

Mais tarde começou a correr que as chaves estavam enterradas ali,

regar o primeiro golpe na terra (já se passaram sessenta anos, e ainda parece que vejo faiscar o ferro, ao sol!) caiu de bôrco, de braços estendidos, como se o tivesse varado uma bala.

— Alguma congestão, naturalmente.

— Só Deus o sabe. O certo é que, durante muitos anos, nin-



ao pé do cipreste. O feitor ria-se, como o senhor. Um dia perguntou-me ele:

— Padre Mateus, por que não há de a gente vêr?

Despiu a jaleca, remangou duma enxada, e quando ia descar-

A REGIÃO MAIS FRIA DA TERRA

★
Não é — como se poderia crer — nas vizinhanças dos polos que se registaram as temperaturas mais baixas do globo; é na Sibéria oriental. Até bem pouco tempo, a região que circunda a cidade de Werchojanks passava por ser a mais fria da terra; e, de fato, o termómetro desce ali até 69 graus abaixo de zero.

Mas um geólogo da Academia de Ciências de Moscovo, concluindo uma exploração nessas paragens, descobriu uma região onde a temperatura é inferior de 3 ou 4 graus à registada nas cercanias de Werchojanks.

Essa região que abrange o vale superior do rio Indéjiska, é cercada de montanhas de 2.000 a 3.000 metros de altitude sobre uma extensão de cerca de mil quilómetros. Fica situada mais ao sul que Werchojanks. Sua altitude está compreendida entre 63 a 64 graus isto é, bem em cima do círculo polar, na zona dita "temperada".

O PEQUENO ESPIÃO

[Conclusão da quinta página] paravam-se estes para o ataque à noite. Chegavam silenciosamente tropas que se acumulavam por trás dos parapeitos. O velho sargento lá estava, ocupado em arrumar os seus homens, e com que ar feliz! Quando passaram os meninos, reconheceu-os e enviou-lhes um sorriso bom...

Como esse sorriso fêz mal ao pequeno Stenne! Em certo momento teve vontade de gritar:

— Não vão até lá! Nós os trai-

mos!

Mas o outro havia-lhe dito: "Se falares, seremos fuzilados!" E o medo o conteve.

Em Courneuve, entraram numa casa abandonada para dividir o dinheiro. Mandava a verdade que se diga que a partilha foi feita honestamente e que, ao ouvir soar no seu bolso aquelas moedas, ao pensar nas partidas de "galoche" que tinha em perspectiva, o pequeno Stenne já não achava tão horrendo o seu crime.

Quando, porém, se viu só, pobre criança! Quando o companheiro o deixou às portas de Paris, os seus bolsos, começaram a pesar e a mão que lhe apertava o coração constrangiu-o mais forte que nunca!

Paris não lhe parecia mais o mesmo. Os transeuntes olhavam-no severamente, como se soubessem de onde ele vinha. A palavra "espião" era por ele ouvida no ruído das rodas, no rufar dos tambores que faziam exercícios ao longo do canal.

Nunca o velho Stenne parecera tão bom nem tão jovial como ao chegar àquela noite em casa. Tinha chegado notícias da província: os negócios do país iam melhor. Enquanto ia comendo, o velho soldado olhava o seu fuzil dependurado à parede e dizia, com o seu bom sorriso, ao filho:

— Hein, filhote? Se você fosse grande, os prussianos haviam de ver!

As oito horas, ouviu-se o canho-

neio.

— É Aubervilliers... Combate-se no Bourget... — disse o velho, que conhecia todos os fortes. O pequeno Stenne empalideceu e, pretextando uma enorme fadiga, foi deitar-se, mas não pôde dormir. O canhão ribombava sempre. E ele imaginava os franco-atiradores a chegar à noite, para surpreender os prussianos e a cair na emboscada. Lembrava-se do sargento, que lhe sorriera e via-o estendido na neve, como tantos outros! O preço de todo esse sangue estava ali, oculto sob o seu travesseiro e o criminoso era ele, o filho de Stenne, de um soldado... As lágrimas sufocavam-no. Ouvia o pai, no quarto contíguo, andar de um lado para outro, abrir a janela. Em baixo, na praça, o toque de reunir soava e um batalhão de guardas-móveis numerava-se para partir. Decididamente, era uma verdadeira batalha. O infeliz não pôde conter um soluço.

— Que é que você tem? — perguntou o velho Stenne, entrando no quarto.

O menino não pôde mais, saltou da cama e veio lançar-se aos pés do pai. A um movimento seu, as moedas rolaram ao chão.

— Que é isto? Você roubou? — inquiriu, trêmulo, o velho.

Então, de um fôlego, o pequeno Stenne contou que tinha ido às trincheiras prussianas e o que lá fizera. A proporção que falava, sentia o coração mais leve, era para ele um alívio acusar-se.

O velho Stenne ouvia-o, com uma fisionomia terrível. E, quando o pequeno acabou, ele ocultou o rosto nas mãos e chorou.

— Papai... papai... — quis articular o filho.

O velho repeliu-o sem responder e apanhou o dinheiro.

— É tudo? — perguntou.

E o pequeno Stenne fez sinal que sim. Então o velho retirou da parede o fuzil, a cartucheira e, metendo as moedas no bolso:

— Está bem! — disse. — Vou restituir-lhes este dinheiro.

Sem acrescentar palavra, sem ao menos voltar o rosto, desceu para reunir-se aos guardas-móveis que partiam na escuridão da noite. Nunca mais ninguém o viu.

A UTILIDADE DAS ABELHAS

Já se disse tudo sobre as abelhas, mas tem-se omitido a utilidade do seu veneno.

Dizem os campônios ingleses que ele é excelente na cura das dores reumáticas, tão excelente que os reumáticos o empregam. E, como são muitos os reumáticos, um apicultor d'Anglais, chamado Storey, tem feito fortuna, se bem que não cobre senão 50 centavos por consulta.

Depois de desinfetar a carne do braço do seu cliente, o apicultor aplica-lhe uma ventosa a qual encerra uma abelha. Um pequeno orifício na ventosa permite introduzir nela um filetezinho que irrita o inseto. Este, então, pica a carne do doente.

Parece, e não há razão alguma para que se não acredite, que o paciente experimenta com isso um sensível alívio.

AGULHA & LÃ

SAPATINHO POMPOM. — Toma-se na agulha 72 malhas tricotando pelo direito 8 carreiras. Estas 8 carreiras formam a parte da sola. Fazem-se 5 carreiras pelo avesso e mais 6 pelo direito, em ponto jersey e outras 5 pelo avesso. Dividem-se 29 pontos para cada lado, deixando-se 29 na agulha e começa-se contando 13 pontos no centro para o peito do sapatinho.

Principia-se com 6 carreiras pelo direito, deixando no final de cada carreira 2 pontos juntos, 5 avessos, 5 direitos e mais 5 avessos. Torna-se a enfiar na agulha todas as malhas, voltando novamente ao princípio, para começar o tornozelo. Tricotam-se 2 carreiras pelo direito. Logo a seguir 1 carreira para enfiar o cordãozinho, pegando 2 pontos juntos, 1 laçada, 2 pontos e 1 laçada até o último ponto. Volta-se fazendo 1 carreira avesso, 1 carreira direito, 1 carreira avesso, 1 carreira direito, assim 12 carreiras, para ficar enrolado na perninha.

VESTIDO PLISSADO PARA CRIANÇAS DE 1 A 2 ANOS. — Material necessário: 2 novelos de

lã, 1 jôgo de agulhas n.º 2. Execução. — Começar pela parte de trás e de baixo para cima com 140 malhas: 1 centímetro no ponto de arroz (1 malha pelo direito, 1 pelo avesso contrariados na fila seguinte) depois começar o plissado que terá 14 pregas de 10 pontos cada uma: fazer 80 filas



PARA OS LENÇÓS

ou sejam 8 motivos, e, em seguida, fazer, de cada lado, 12 malhas para as mangas e começar o decote em ponto de arroz, tomando malhas plissadas juntas ficando, assim, apenas 70 malhas na pala e nas mangas. Fazer 40 filas, no ponto de arroz e abrir o decote diminuindo 30 malhas, rebatidas, no meio da fila. Continuar uma espádua sobre 14 filas. Fazer aí 12 malhas, no ponto de arroz, para as mangas e aumentar os 5 pontos para a 1.ª prega, que se principia, fazendo o ponto de modo contrário do das costas para que as pregas voltem no mesmo sentido: na 1.ª fila fazer 9 malhas pelo avesso, 1 malha pelo direito, 9 pelo avesso, 8 malhas pelo direito, 2 malhas pelo avesso, etc. Na 8.ª fila, 7 malhas pelo avesso, 3 pelo direito e 7 pelo avesso, etc.

Cada dente mede 10 centímetros de altura. Começando o 2.º remontar 30 malhas, na agulha, para fechar o decote — depois de haver feito a espádua. Começando o 3.º dente fecham-se as mangas. O dente do meio mede 2 pregas de largura. Terminar o plissê em baixo com um centímetro de filas em ponto de arroz.

CORES DE ANILINA

A anilina foi descoberta em 1826, pelo suéco Unverdorben, na destilação sêca do indigo. Em 1852, Runge encontrou-a nos produtos da destilação, da hulha e Zinim, em 1854, reproduziu anilina artificialmente, reduzindo a nitrobenzina. Foi o químico inglês Pertring quem, modificando um processo imaginado pelo francês Béchamp conseguiu, pela primeira vez em 1856, fabricá-la industrialmente. Desde então, a anilina tornou-se a matéria prima de inúmeras substâncias colorantes: violetas, vermelhas, roxas, azues, verdes e amarelas. Foram designadas com o nome de cores de anilina. No entanto, mais tarde, colocaram sob tal nome outras cores artificiais, que nada têm que ver com a anilina.

PEIXES MUSICAIS

Nas proximidades dos estuários do arquipélago da Sonda produz-se constantemente um estranho fenômeno, que surpreende o viajante. Trata-se de uma rara e impressionante música que sobe das profundidades do mar. O inexplicável concêrto é produzido somente à noite por certa espécie de peixes que emitem sons. Dizem

que se trata de um chamado dos indivíduos de uma mesma família, com o fim de se reconhecerem entre si.

A PEDRA DO DESTINO

Na abadia de Westminster se conserva uma pedra que tem representado um grande papel na história. É conhecida pelo nome

de Pedra do Destino e figura na coroação dos monarcas britânicos.

Afirma a tradição que quando Jacó chorou apoiou sua cabeça nessa pedra. Transportada posteriormente ao Egipto, caiu em poder dos Faraós. No ano 700, antes de Cristo, foi levada do Egipto e conduzida para a Irlanda em cujo monte Tara foi colocada. Muitos anos depois foi levada para Scone, na Escócia. Permaneceu aí até que os monarcas Bruce e Ballol disputaram a sua posse. Entrou, então, na disputa Eduardo I, que resolveu o conflito, levando a pedra para a abadia de Westminster. Ali está como uma parte do trono, no qual deve ser coroado o monarca. Assim tem sido desde Eduardo I.

FORNO & FOGÃO

GALINHA MODERNA À BRASILEIRA. — Limpe duas galinhas de véspera e tempere com meia xícara de vinho, meia de água, sal, cebola e cheiro. No dia seguinte, leve ao fogo com uma colher de manteiga, teste um pouco, junte uma xícara de salmoura, tape e deixe a cozinhar em fogo brando até amolecer. Se fôrem duras, vá juntando água aos poucos, até ficarem macias. Meia hora antes de servir, retire do mólho, bezunte com a própria gordura, e leve a tostar no forno. No mólho junte água até obter duas xícaras, incorpore o fígado, uma colher de chá de fécula, uma de café de mólho inglês, penere e leve a engrossar no fogo. Faça: legumes em pérolas, e deite uma colher em doze folhas de alface crespa. Faça meia porção de empadinhas e queijo. Arrume em dois pratos: a galinha trinchada no centro, e ao redor doze empadinhas (duas a duas) e seis folhas recheadas, entremeadas. Sirva o mólho na molheira.

RIM DE VACA COM BATATAS. — Limpam-se e cortam-se bem miudinhos, se m molhá-los, dois rins perfeitos e frescos e guardam-se, por duas horas em sal, alho pisado e azeite doce. Cozinham-se e depois fritam-se inteiras meio quilo de batatinhas inglesas bem pequeninas, que se guardam na estufa. Na hora da refeição põe-se em uma caçarola uma colherada de gordura e um pouco de manteira e nisso refogam-se quadradinhos minúsculos de toucinhos bacon e cebolas picadas. Depois de bem refogado despejam-se na caçarola os rins com os temperos em que descansaram e, a fogo muito forte, vai-se mexendo, rapidamente, para cozinhar os rins sem que criem muita água. Deixa-se fritar bem depois que se que e serve-se em uma travessa guarnecida com as batatinhas fritas, cobrindo-se tudo com salsa muito picadinha.

PATO RECHEADO COM MAÇA. — Deixa-se em infusão, por uma hora ou mais, em vinhadalho (vinagre, sal, alho e pimenta) um

pato, de preferência novo. Depois dá-se uma fervura num refogado de cebola, banha, tomate, cheiro verde e pimentão. Rechea-se, a seguir, o pato com maçã picada e leva-se ao forno, para assar. Ao refogado juntam-se três cálices de vinho do Pôrto, banhando-se, na mistura, o pato ao sair do forno.

A VELOCIDADE DO VENTO

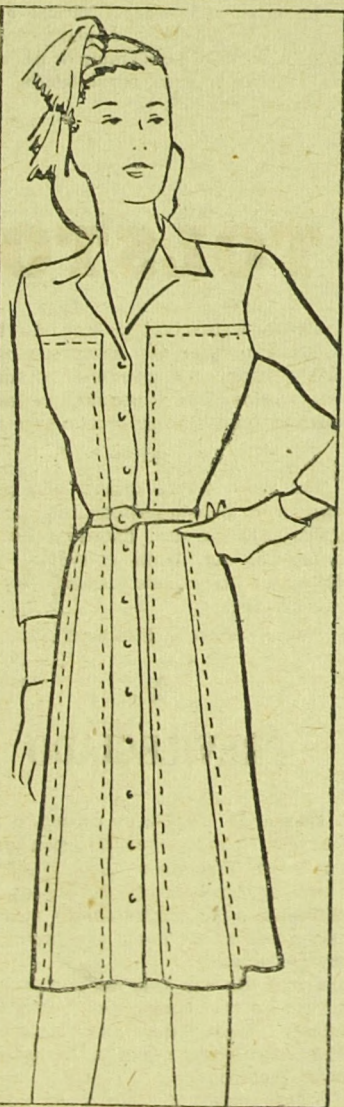
A zero quilômetro à hora, o vento é calmo, ou melhor, não há vento. A cinco quilômetros sente-se no rosto a sua carícia: o vento é leve. Quando agita as pequeninas folhas, está a 11 quilômetros à hora, e se intitula vento muito fraco. Tomando a velocidade de 25 quilômetros é vento moderado, mas que já bole com as folhas mais pesadas. Si os pequenos galhos é que são sacudidos, com certa violência, o vento se chama bastante forte, com os seus 32 quilômetros à hora. Com 47 quilômetros, torna-se muito forte, e sacode já os troncos delgados das árvores. O vento é violento com 55 quilômetros à hora; chega então a partir os galhos. A tempestade (65 quilômetros), arranca árvores; e a tempestade forte (75 quilômetros) quebra-as. Para o furacão, que destrói florestas e casas, são precisos 110 quilômetros à hora. Quando o vento atinge 180 quilômetros, não respeita nada com o nome de furacão violento.

E paremos aqui, pois que, com mais de 180 quilômetros à hora, o vento é capaz de efeitos que homem algum jamais imaginou.

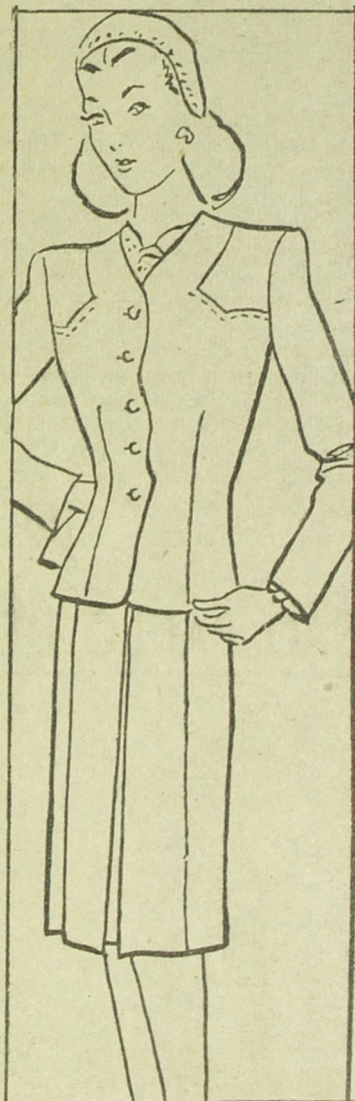
ARROZ À PORTUGUESA. — Refoga-se com todos os temperos comuns, algumas rodela de paio e duas cenouras grandes partidas em tira. Junta-se a água necessária para cozinhar um pouco as cenouras e uma colher de massa de tomate. A seguir juntam-se as folhas rasgadas de um repolho, conservando-lhes os talos deixando-se continuar a ferver até que o repolho esteja quase cozido. Nessa ocasião junta-se o arroz em proporção ao guisado, põe-se água fervente que passe dois dedos da altura do conteúdo da panela, tampa-se bem e deixa-se cozinhar a fogo lento, até que o arroz comece a secar. Tira-se então do fogo, conserva-se a panela tampada por mais vinte minutos e leva-se à mesa na própria panela envolta em um guardanapo.

COUVE-FLOR À MINUTA. — Cozinha-se em água e sal uma couve-flor perfeita e depois de cozida e escorrida coloca-se, bem quente no prato em que deve ir à mesa, cobrindo com farinha de rosca, queijo ralado e ovo cozido esfarelado, e por último rega-se bem com uma boa porção de manteiga salgada e derretida. Serve para acompanhar assados ou bifés.

DOCE DE PÊSSEGOS. — Tomam-se doze pêssegos grandes, de boa qualidade e não muito maduros e levam-se ao forno, num tabuleiro, para passarem em calor brando. Uma vez assados os pêssegos, deixa-se esfriar e cortam-se em pedaços regulares. Em seguida, faz-se uma calda com setecentas e cinquenta gramas de açúcar, seiscentas gramas de água e cem gramas de Rhum da Jamaica. Põem-se os pedaços de pêssego na calda fervendo, mexe-se, devagar, e deixa-se a calda engrossar até o ponto "de espadana", que é o mesmo que o "de pasta fina". Deixa-se o doce esfriar e serve-se em taças de cristal (próprias para champãne), coroadas com uma pequena pirâmide de sorvete de creme.



Em linho ou seda pesada, apresentamos este feito original, cujos recortes são enfeitados com pequenos pespontos em tonalidades diferentes. Manga três quartos.



Casaquinho amarelo, de linho para acompanhar saia marrom, é a "toilette" mais indicada para uma viagem por terra ou mar.

A primeira indústria paulista

(Conclusão da primeira página)

Anhangá escondido na casa e leva filho de Irací p'ró fogo...

Anchieta recebeu o recado cheio de angústia. Sabia que o prestígio do pagé na cabana da fanática parturiente era definitivo. A água lustral jamais escorreria por aquela cabecinha inda tenra, arrebatando aos demônios da selva a pequenina alma que acabara de nascer. Para o seu santo messianismo a notícia era um desastre. Uma dor aguda alanceava seu coração.

Quando Anchieta chegou perto do Colégio, ouviu, festivo, o repicar de um malho na bigorna e o ronco aritmico e matracolejante de um tórno primitivo.



"É o irmão Mateus — pensou sorrindo o taumaturgo. — Ele e irmão Diogo não param na sua santa labuta..."

Tinha razão. O irmão Mateus Nogueira, curvo sobre a incude junto da fôrnia que lampejava, fazia, com o carinho de um armeiro que a devoção ao trabalho tornara perito, uma faca rústica, primitiva, que ele pensava ser uma obra prima. Perto dele, num tórno ronco, guinchante, o irmão Diogo Jácome arredondava um duro pedaço de cedro.

Mal irmão Mateus viu o taumaturgo, corre a ele radioso, com a tenás

prêsa a um pedaço de ferro incandescente, despedindo faíscas e estalando, mas já com os contornos rústicos de um facão de mato.

— Veja, irmão José, que beleza! É um facão que estou forjando. Vou dá-lo a Tibiriça pelo muito que quer o velho tuxauá á religião e á vila...

Anchieta sorriu. Mirou complacente a rústica obra do maldextro forjador. Verificou o amor que o ferreiro punha nessa primeira tentativa artística da indústria de São Paulo. E uma idéia passou-lhe, repentina, pelo cérebro:

"E se oferecesse essa faca ao pagé Apiassú a trôco da alma do filho de Irací? Ele aceitaria! Os índios tinham pelo irmão Mateus e pela sua arte mais que admiração: verdadeira loucura... Por um objeto feito de ferro dariam o próprio pai á fôrca. Essa faca..."

Mateus, já todo absorvido pela sua obra, achatava a lamina com grandes malhadás reboantes. A bigorna cantava tal qual um sino, chispando fagulhas, enquanto o tórno ronco de Jácome zunia, esparramando um círculo de cavacos. Anchieta mirava atento o padre ferreiro. Bruscamente interrompeu o trabalho do paciente forjador.

— Irmão Mateus, você me vai dar essa faca...

O rosto do ferreiro tomou uma interrogativa expressão de decepção e de pasmo.

— Esta faca? Ela, porém, é de Tibiriça...

— Você vai me dar essa faca, irmão Mateus.

O outro fêz a careta de um homem que foi roubado e replicou com infinita tristeza:

— Irmão José, você tem direito a fazer-me todos os pedidos... mas... eu botei nesta faca tanto carinho ao forjá-la... tanto desejo de fazer uma coisa digna do grande amigo da vila... Tôda a gratidão da gente paulista foi penetrando, martelada a martelada, no ferro desta lamina... Ela vale pelo carinho com que foi feita e para o fim a que se destina... Agora você...

— Eu quero essa faca, irmão Mateus — cortou, testarudo, tenaz, o santo Anchieta.

Mateus imergiu numa caçamba de água o facão rústico. Um chiado agudo e uma onda de vapor saíram da água e, com uma lima, repoliu a peça já pronta. Lindo, brilhante, o facão coruscou na pequena tenda do ferreiro, germe humilde do futuro parque industrial paulista. E Mateus, dando a Anchieta o que considerava sua obra prima, perguntou:

— Para que você quer esta faca, irmão José?

— Para com ela cortar os laços do demônio, que inda prendem uma criatura de Deus...

Frei Mateus Nogueira, enxugando as mãos calosas no avental de pele de cabrito, não descobriu o alcance das palavras do taumaturgo. E não sabia que o primeiro artefato da indústria era abençoado por uma obra de suprema e sublime misericórdia.

FIM DO MUNDO

De vez em quando, aparece um maluco qualquer a profetizar o fim do mundo.

Agora, deu-nos essa notícia de sensação um tal Mr. Brown, que gastou anos — coitado! — a estudar este problema. Segundo este sábio, o nosso mundo acabará daqui a 126 anos, isto é, no ano de 2072.

De que modo se dará essa destruição? Pela água? Pelo fogo? Pelo frio? Será escaqueirada a Terra por algum cometa errante? Nada disse. A Terra acabará, porque os seus habitantes morrerão de fome.

Pelos cálculos de Mr. Brown, a Terra não poderá produzir alimentos para mais de cinco mil milhões de habitantes — número que já estará ultrapassado no ano 2072.

O caso, pessoalmente, não nos interessa nada — porque não esperamos viver ainda mais 126 anos. Felizmente...

Mas fazemos votos para que se inventem, antes disso, quaisquer pílulas alimentícias, destinadas a evitar a catástrofe. Morrer de fome deve ser desagradável, com todos os diabos...

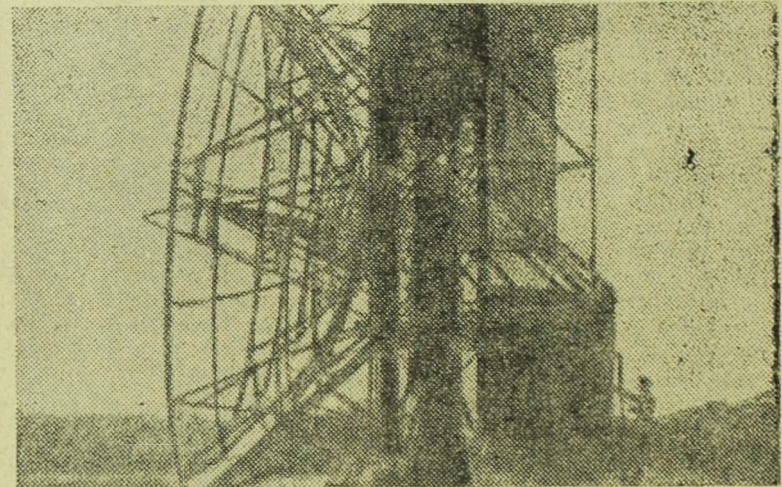
(Conclusão da primeira página) funções. Terá efeitos profundos e de grande alcance, na estruturação de nossa vida futura.

O "Radar" é um nome artificial, originado das palavras inglesas "Radio detection and ranging".

Segundo informações seguras, baseadas em relatórios oficiais, todos os combatentes contaram com aparelhos de "Radar", durante a guerra — apenas os Estados Unidos e a Grã-Bretanha os tiveram mais aperfeiçoados do que os outros. Aproximadamente em 1930 foram aperfeiçoados, com todo

300 000 quilômetros por segundo. As oscilações são assinaladas nos tubos de raios catódicos, que são semelhantes ás telas de televisão e onde, aos olhos humanos treinados para ver o que ali está registrado, são "traduzidos" numa parte infinitesimal de segundo, com a distancia precisa e parte do objeto registrado.

Todos sabemos a vantagem de ter o sol contra o inimigo, nas antigas batalhas navais. Mas agora, com o "Radar", os navios podem travar batalhas nas quais o inimigo é localizado, bombardeado e afundado sem



A cabine de controle e as antenas dirigidas do transmissor e receptor de ondas de uma estação de radar.

sucesso, e independentemente, aparelhos de rádio-localização, nos Estados Unidos, Inglaterra, França e Alemanha e, ao que se acredita, também no Japão. A guerra originou grandes aperfeiçoadamentos nos laboratórios e fábricas de construção de "Radar", nos Estados Unidos, mas tudo isso constituiu segredo durante o período das hostilidades e, presentemente, a indústria do "Radar" é tão grande quanto a de automóveis.

A ação do "Radar" depende da energia do rádio. Uma curta emissão de energia chamada vibração é feita, em uma certa direção. Quando encontra algo em seu caminho — terra, água, um navio, avião ou qualquer outra coisa — a vibração é refletida. O eco é captado num receptor, geralmente em ligação com o transmissor, e faz uma indicação em uma tela de raios catódicos. As vibrações, tanto em sua emissão como reflexão, caminham com a velocidade da luz, ou seja, aproximadamente

que um só homem o tenha visto. Durante tal batalha os navios podem continuar a navegar em rigorosa formação, a alta velocidade, através de águas estreitas, mas por meio do "Radar" vêem uns aos outros e, também, as praias. Através de uma noite escura ou de um nevoeiro espesso, as aeronaves podem "adivinhar" um objetivo e destruí-lo por completo.

O relatório, que forneceu estas notas, conclui, dizendo: "Nada há de mágico sobre o "Radar". Sua eficácia depende, em grande parte, das técnicas que foram desenvolvidas para proporcionar sua utilização total, e seu trabalho depende, além disso, da inteligência e perícia inatas de seus operadores e do grau de integração da capacidade do "Radar" no planejamento tático e nas operações de combate".

Eliminar as operações táticas e de combate e substituir o planejamento pela utilização num mundo de paz, eis as normas e as possibilidades futuras do "Radar".

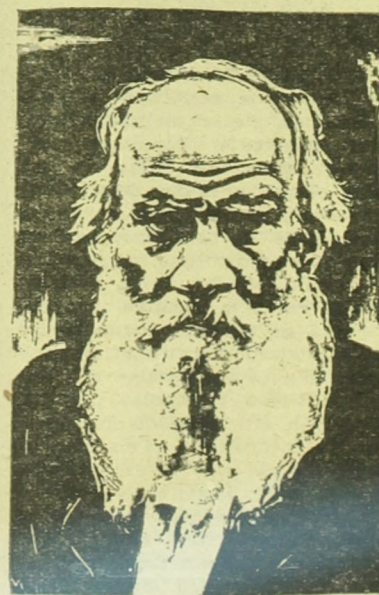


PENSAMENTOS DE TOLSTOI

SOBRE O HOMEM

Há homens que vivem de seus pensamentos e dos alheios, de seus sentimentos e dos alheios (falo das pessoas que compreendem os sentimentos do próximo e se guiam por eles). O melhor homem é o que vive pela excelência de seus pensamentos e dos sentimentos alheios. As diferentes combinações desses quatro elementos, que são os motivos da atividade, formam toda a diversidade dos seres humanos. Há os que não possuem pensamentos, que sejam pessoais ou estranhos, como também sentimentos que lhes sejam próprios e que se alimentam exclusivamente de sentimentos de empréstimo: são os pobres dedicados inocentes, os santos. Há os que só vivem de seus próprios sentimentos: são as feras. Os homens que têm unicamente pensamentos pessoais são os sábios, os profetas: os que só subsistem pelo pensamento alheio, são os sábios imbecis. As diferentes transposições destas faculdades, de intensidade variável, criam a música complexa dos caracteres.

Que horrível traço é a segurança, a satisfação de si mesmo. É uma espécie de congelamento do homem: recobre-se de uma camada de gelo, que cada vez se torna mais espessa e que impede qualquer crescimento, qualquer comunicação com os outros. Minhas relações com diversas pessoas me fizeram pensar: são, coisa horrível, leitões aos quais não se deve jo-



gar pérolas. Vemos que o seu erro o torna infeliz, vivemos com ele, falamos-lhe, conhecemos o meio de aliviá-lo, de salvá-lo, e nada lhe podemos dizer.

Existem homens que esquecem o mal que fizeram aos outros, e que mesmo se gabam, mas que guardam tudo o que lhes fizeram.

Como é terrível o tipo de homem que quer ter sempre razão! Estão prontos a condenar inocentes, santos, Deus mesmo, contanto que tenham sempre razão.

Há pessoas que falam, não para exprimir pensamentos, mas para agir: injuriar um, lisonjear outro, gabar-se, etc. Uma conversa que fór uma troca de idéias lhe é inacessível.

(Do jornal íntimo de Tolstói)

PREVILEGIADO

Leonardo da Vinci esteve certa vez em França, mas adoeceu gravemente. Francisco I, que o admirava profundamente, ia todos os dias visitá-lo, prejudicando muitas vezes nobres da corte em favor do artista doente.

Certo dia em que se comentava o fato do rei recusar falar com um titular, porque desejava fazer a sua costumeira visita a Leonardo, este declarou:

Meus senhores, nobres eu posso fazer ás dúzias, mas um artista como Leonardo, só Deus...

Editor responsável: SERVIÇO AUXILIAR DE IMPRENSA (SAI) Rua Boa Vista, 234 — S. Paulo

SÃO PAULO DE OUTROS TEMPOS



Gravura de A. Esteves representando a rua José Bonifácio na pequena São Paulo de 1860. Esse aspecto de cidade colonial, com suas ruas estreitas, casas de fachadas simples e severa, davam um ar tão diferente ao que hoje apresenta essa majestosa metrópole